

Dennison de Oliveira (org.)

## **Guia do Museu do Expedicionário 2011**

Guia de visitação para o Museu do Expedicionário (MEXP), Curitiba/PR, elaborado por estudantes ligados aos Cursos de História da UFPR. Versão preliminar. Permitida a reprodução desde que citada a fonte.

Curitiba  
Setembro/2011

## Sumário

O futuro do Museu do Expedicionário à luz da História .....	02
Torpedeamentos e guerra naval .....	24
Forças aliadas na Itália .....	27
Alto-comando da FEB .....	30
FAB e guerra aérea .....	43
Transporte, Armas Aliadas e Comunicações da FEB .....	46
Petrechos pesados .....	50
Enfermagem .....	55
Acampamento .....	59
Forças do Eixo .....	63
Contexto e Propaganda na Segunda Guerra Mundial.....	66
História da LPE/memória de guerra .....	71
Oficiais da FEB .....	75
Max Wolf Filho .....	79
Representações da Morte no Museu do Expedicionário .....	82
A Cobra está fumando... e cantando .....	85

## O futuro do Museu do Expedicionário à luz da História

Dennison de Oliveira<sup>1</sup>

O Museu do Expedicionário (MEXP) localizado em Curitiba (PR) na Praça do Expedicionário (popularmente conhecida como “Praça do Avião”) é resultado de um antigo e longamente acalentado projeto, arduamente perseguido pela Legião Paranaense do Expedicionário (LPE) desde sua origem. O Museu, tal qual se apresenta hoje ao visitante, assumiu sua atual forma em 1981, mas suas origens remontam ao ano de 1946.

A LPE surgiu no imediato pós-guerra resultado da iniciativa de um reduzido grupo de veteranos da Campanha da Itália. Em sua maioria eram oficiais da ativa e da reserva do Exército, que haviam lutado ou atuado com a Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-45). O foco imediato da entidade em seu início foi nas questões sociais e políticas envolvendo os veteranos da Campanha da Itália, a grande maioria dos quais foi abandonada à própria sorte pelo Governo Federal tão logo retornaram ao Brasil. Naquela época a busca pelo tratamento das doenças e sequelas físicas e psicológicas advindas do tempo de guerra, o enfrentamento da situação de abandono, desemprego, inadaptação social, familiar e profissional eram apenas alguns dentre tantos outros problemas que afligiam os ex-combatentes no Paraná e em todo Brasil.

A LPE se propôs a fazer muito mais do que prestar a imediata e necessária assistência às necessidades mais urgentes do veterano de guerra, o que de fato ela fez, sempre com amplo apoio de indivíduos e instituições da comunidade local e nacional. O que se buscava era também uma série de medidas legais de natureza previdenciária, médica, educacional, habitacional, cultural e profissional que lograssem a efetiva e proveitosa reintegração social do ex-combatente à vida civil. Em estreita associação com o objetivo de criar uma entidade voltada para a luta em prol da adoção e real aplicação de políticas públicas de amparo aos ex-combatentes, sempre existiu a preocupação com a preservação, pesquisa e divulgação da História da FEB.

---

<sup>1</sup> Professor dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em História da UFPR. Autor dos livros “Os Soldados Brasileiros de Hitler” e “Os Soldados Alemães de Vargas”, ambos lançados pela Editora Juruá (Curitiba/PR) em 2008. E-mail: kursk@matrix.com.br

Já na fundação da LPE em 20 de novembro de 1946 estava previsto entre suas finalidades e objetivos “a preservação do Patrimônio Histórico representado pelos feitos gloriosos da FEB e demais forças armadas do país nos campos de batalha e culto permanente à memória dos que ali tombaram heroicamente”. As sucessivas mudanças no Estatuto ocorridas desde então nunca deixaram de manter essa cláusula, redigida sempre nos mesmos termos.

Desde o início, preocupados com o destino do patrimônio material relativo à História da FEB, os dirigentes da LPE se lançaram à tarefa de montar um Museu. Para atingir tal objetivo apelaram, através de uma mala direta enviada a todos membros da LPE, para uma ampla campanha de doações de objetos, armas, uniformes, livros, documentos, etc. Levando-se em conta que a LPE teve em menos de uma década a adesão de 2.500 ex-combatentes e talvez um número equivalente de sócios-colaboradores, pode-se imaginar o enorme sucesso que esta iniciativa, repetida regularmente desde então, logrou ao longo dos tempos.

Tal iniciativa motivou também a emissão da Circular 5/48 de dezembro de 1948 da Legião Paranaense do Expedicionário. Naquela época a entidade ainda estava em uma das suas sedes provisórias, desta vez à Rua José Bonifácio 110, Centro da Capital paranaense. O documento menciona a ampliação da Biblioteca e do Museu. O texto encarecia o apoio dos companheiros a essa iniciativa, solicitando contribuições em livros ou na forma de algum “ricordo” (no original) da Campanha da Itália para compor, fosse o acervo da Biblioteca, fosse do Museu. Em troca a LPE fornecia uma declaração assinada no qual a entidade se comprometia a restituir, em qualquer época, quando reclamados, os objetos doados ao Museu. A fim de manter o registro da doação, os objetos doados seriam catalogados em livro especial com o nome do verdadeiro possuidor. Todas doações poderiam ser reclamadas de volta pelos seus legítimos donos a qualquer momento. Finalmente a fim de organizar tão vasto processo, estabeleceu-se que livros e objetos podiam ser enviados pelo Correio ou entregues na sede da LPE todas 3as. feiras as 20 hrs<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO. Secretaria Geral da LPE. Circular 5/48 de dezembro de 1948.

O acervo tanto da Biblioteca quando do Museu rapidamente tomaram enormes proporções. Contudo, o acervo efetivamente exposto seguiu – devido a limitações do espaço físico disponível - sempre sendo muito pequeno, e assim ficou mesmo depois da inauguração do magnífico edifício-sede da LPE, o qual hoje em dia é inteiramente dedicado apenas a função museológica. Em sua origem o atual prédio se destinava a ser sede da LPE e principal local de atendimento aos ex-combatentes em suas múltiplas e complexas necessidades.

A assim chamada Casa do Expedicionário foi inaugurada em 15/11/1951. Sua construção foi resultado da iniciativa e determinação da LPE, e contou com o auxílio de entidades públicas e privadas, civis e militares, de entidades da sociedade civil, bem como de milhares de cidadãos da comunidade curitibana e de todo Brasil. Na sede própria da LPE o Museu ocupava, contudo, apenas uma das suas salas. Todas as outras eram ocupadas com serviços sociais que a LPE oferecia aos veteranos de guerra, como atendimento médico, dentário, jurídico, administrativo, cultural, educativo, profissional, etc. Nada menos de dez cômodos no andar superior do edifício foram reservados para hospedar os ex-combatentes de outras cidades em trânsito pela Capital, geralmente em busca de atendimento médico.

A intensa, complexa, contraditória e ao mesmo tempo muitíssimo bem-sucedida relação da LPE com a sociedade local e nacional, sempre objetivando atender ao veterano de guerra da melhor forma possível, ainda está por ser escrita. Fora de dúvida é que apenas a LPE logrou, no conjunto das várias entidades formadas pelos ex-combatentes em todo Brasil, obter os êxitos sociais, políticos e culturais que acumulou, tanto para si quanto para as pessoas que atendia. A fim de atender aos interesses deste texto serão descritos apenas alguns dos episódios mais importantes da História da LPE, os quais guardam estreita relação com a História do Museu do Expedicionário.

É importante notar que além do Museu, os dirigentes da LPE apelaram para outras mídias no esforço de divulgar a memória dos feitos da FEB. Nada menos do que três dos seus dirigentes foram autores de livros sobre suas experiências na Campanha da Itália. O primeiro desses autores a lançar um livro, e certamente o mais produtivo deles, foi Agostinho José Rodrigues. Em 1954 surge a 1ª. Edição de “O Paraná na FEB”. Trata-se de um livro que, como

indica o nome, se dedica a examinar a atuação dos membros da FEB oriundos do Paraná que se destacaram em combate na Campanha da Itália.

Em 1958 surge paralelamente ao Museu a Galeria dos Mortos. Tratava-se de uma coleção de fotografias que ficava exposta à visitação pública na Casa do Expedicionário. Desde então esse item, com fotos e biografias dos 28 paranaenses mortos em combate na Segunda Guerra Mundial, passou a ser parte indispensável da coleção de objetos expostos no Museu do Expedicionário.

Em 1966 Agostinho José Rodrigues lança seu segundo livro, adequadamente chamado de “Pé de trincheira”. Este livro seria relançado em 1969 com o nome de “Segundo pelotão – oitava companhia”. Ignoro se existem diferenças substantivas de conteúdo de um livro em relação a outro. Neles o autor descreve suas experiências como tenente comandante de pelotão de infantaria no III Batalhão do 11 RI. Trata-se de obra de referência indispensável para a compreensão de diferentes aspectos do combate de infantaria nas montanhas dos Apeninos durante a Segunda Guerra Mundial, sendo extensivamente citado até hoje.

Os anos 1970 são marcados por avanços significativos no que se refere ao tamanho e valor do acervo de objetos e documentos do Museu. Pode-se colocar a hipótese de que a progressiva redução do número de casos de ex-combatentes, a serem atendidos pela LPE, gradualmente liberava os seus membros para se dedicarem exclusivamente a tarefas relacionadas com o Museu ou com a divulgação das pesquisas ali realizadas, através da publicação de livros e artigos em revistas.

Em 1973 já haviam 209 peças em exposição sendo 44 apenas de armas. Embora de dimensões físicas ainda modestas o MEXP atendia anualmente a 6.500 visitas, das quais nada menos de 3.500 eram de escolares. A pesquisa histórica, razão mesma de ser deste museu como qualquer outro, ganhou um novo impulso em 1975. Tomou-se a decisão de reorganizar o Museu e estruturar um setor documental e histórico da FEB, FAB e Marinha de Guerra. Começava aí um impressionante e sem paralelo esforço de obtenção, análise e interpretação de documentos que teria enorme impacto sobre nosso conhecimento sobre a real história da FEB. Parte desses achados

foi publicada em livros de autoria de membros da LPE ao longo do tempo, mas a maioria permanece inédita.

O momento decisivo no que diz respeito a atual configuração do Museu se deu na Assembleia Geral da LPE em 1979. Nela deliberou-se pela transformação de todo prédio da Casa do Expedicionário em Museu do Expedicionário, pois as doações haviam aumentado muito e se exigia um espaço maior para sua exibição, pesquisa e catalogação. Simultaneamente, não se verificavam mais casos de atendimento por parte da LPE às demandas sociais, jurídicas, etc. dos veteranos de guerra, embora estes continuassem a ocorrer esporadicamente e com frequência cada vez menor até a década de 1990.

A decisão de transformar todo prédio em Museu foi viabilizada, do ponto de vista físico, com a assinatura de um convênio entre a LPE e o Governo do Estado, através da Secretaria Estadual da Cultura (SEC/PR), ainda hoje vigente. Nele estavam previstas a realização das obras necessárias a adaptação do prédio às suas novas e exclusivas funções museológicas, bem como o financiamento por parte da SEC/PR das condições materiais e humanas de funcionamento do novo Museu. O convênio da LPE com a SEC de 29/07/1980 também determinou a transferência no futuro do acervo documental e histórico do Museu para o Governo do Estado. Tal situação irá ocorrer quando a LPE deixar de existir ou quando não houverem mais ex-combatentes na direção da entidade. Com o convênio firmado em 1980 a SEC se tornou mantenedora do MEXP embora, curiosamente, o Museu e seu acervo continuem a ser propriedade particular da LPE.

Assim, o atual Museu foi inaugurado em 19 de dezembro de 1980 e, desde o início, passou a ser considerado um dos mais modernos, completos e atualizados do país. Seu incomparável acervo exposto, sua volumosa biblioteca e um incansável esforço de pesquisa fizeram dele uma instituição única no país. Apesar de reconhecer ser possuidora de um valioso acervo, tanto material quanto documental, a diretoria da LPE julgava a quantidade de doações até então recebida como insuficiente. Foi feito então novo apelo aos ex-combatentes, bem como pessoas físicas e jurídicas, para doarem objetos e

documentos relativos à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial<sup>3</sup>. O material podia ser remetido ao Museu ou coletado pela Legião no local determinado pelo doador. O resultado dessa nova campanha de doações levou o Museu, no que se refere ao valor histórico das suas coleções, a um novo e incomparável patamar. Descrevendo o Museu à época da sua inauguração, o presidente da LPE que coordenou a construção da Casa do Expedicionário no início dos anos 1950 assim se referia a ele: “(a Casa) transformou-se em relicário nacional onde são cultuados os feitos da FEB... no museu encontram-se peças de valor, entre elas a bandeira alemã capturada em Fornovo di Taro...”<sup>4</sup>

Embora o valor histórico da coleção de objetos exposta no Museu a todos causasse admiração, dentro e fora do país, menos atenção do público recebiam as atividades de pesquisa realizadas nessa época. A partir do final da década de 1970 e início da seguinte a direção do Museu levou adiante diferentes projetos de pesquisa baseados em extensas compilações de documentos originais, depoimentos orais e diversos outros tipos de fontes.

Nesse sentido é instrutivo se examinar o teor do primeiro ofício assinado pelo Diretor do Museu em sua nova e exclusiva sede<sup>5</sup>. A primeira prioridade ali mencionada é a tarefa de organização do setor administrativo e de pesquisas do Museu. Já a enorme ampliação do espaço físico motivou o pedido de mais expositores para o material doado pela Marinha e do armamento que haveria de ser recebido do Exército, também como doação. Tudo isso suscitava a necessidade de se proceder ao levantamento geral do acervo com base em uma classificação técnica. Também estava prevista a organização de um depósito e oficina para guarda do material excedente e em duplicata. A necessidade de se dar acondicionamento adequado para a preservação das peças duplicadas e excedentes se referia ao seu valor em futuras trocas com museus congêneres.

Aspecto notável em todo esse esforço é a absoluta falta de preconceito, por parte da direção do Museu, com relação a quaisquer fontes históricas ou

---

<sup>3</sup> LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO. Museu do Expedicionário. Ofício Circular. Sem número, fevereiro de 1979.

<sup>4</sup> MACHADO LOPES, J. Documento datilografado sem título, sem data.

<sup>5</sup> LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO. Museu do Expedicionário. Ofício no. 1/1981.



mídias, desde que fossem úteis para a preservação e divulgação da História da FEB. Também nesse primeiro e seminal documento do Museu do Expedicionário eram mencionadas as tarefas de encadernação de revistas, jornais e outros documentos da época da guerra. Sensível ao papel decisivo desempenhado pelo audiovisual na formação da memória histórica da sociedade contemporânea, a direção do Museu determinou a confecção de slides sonoros aproveitando aquilo que ela mesma descrevia como sendo o “excelente material fotográfico existente”.

Apesar de parecerem ambiciosos e vastos, mesmo pelos critérios da boa prática museológica contemporânea, os objetivos colocados pelo documento inicial do Museu do Expedicionário iam muito mais além. O Museu estava prestes a se engajar num novo e decisivo momento da pesquisa histórica sobre a FEB, ao elencar outras três tarefas para o futuro imediato.

A primeira era a catalogação dos documentos e fotografias, pré-condição de quaisquer atividades de pesquisa. Embora relevantes, tratam-se de iniciativas nas quais o documento não se voltava para possibilidades fora do seu acervo. São as duas iniciativas seguintes que engajaram definitivamente o Museu num projeto nacional de pesquisa sobre a FEB e o Brasil na Segunda Guerra Mundial: a seleção para fins de cópia de documentos existentes no Centro de Documentação do Exército em Brasília e no Arquivo do Exército no Rio de Janeiro, bem como a complementação da documentação e dados sobre a participação dos ex-combatentes paranaenses na guerra.

No esforço de dar conta de objetivos materialmente tão vastos quanto historicamente relevantes, a direção do Museu fez cópias de extensas coleções de documentos obtidos nas citadas instituições. Também coletou depoimentos e copiou trechos de livros raros ou fora de catálogo sobre a FEB. Finalmente, esforçou-se por ampliar ainda mais o acervo de livros da sua biblioteca. O resultado é que já no início dos anos 1980 o Museu contava com uma biblioteca com 3.000 volumes.

Temas de pesquisa fundamentais para a História da FEB se tornaram objeto de intensas investigações. Dentre estes cabe citar a “Noite dos Laurindos” (2/12/1944), as sucessivas tentativas de tomada do Monte Castelo (1944-45), os combates por La Serra (22-25/02/1945), o polêmico conteúdo do Relatório Uzeda (1963), os combates por Montese (14-19/04/1945), o papel

das enfermeiras da FEB, a relação dos combatentes brasileiros com os civis italianos, os torpedeamentos de navios brasileiros (1942-44), dentre tantos outros temas historicamente relevantes.

Simultaneamente, foi desenvolvida também intensa atividade de pesquisa sobre a ação dos paranaenses na FEB. Foram elaboradas biografias detalhadas de todos paranaenses mortos em combate; de todos que se destacaram em ações de combate; de todos aqueles merecedores de elogios e condecorações. Percebendo a dimensão social e cultural dos estudos sobre o recrutamento militar, também foram realizadas pesquisas sobre a origem dos combatentes paranaenses da FEB, tanto do ponto de vista geográfico, quanto social e demográfico. Logrou a direção do Museu desta forma legar um manancial de informações altamente relevantes para os futuros historiadores da FEB.

A primeira década de existência do Museu em sua sede definitiva é marcada, pois, por uma multiplicidade de iniciativas de largo alcance social e cultural. Além do magnífico acervo exposto na sede do Museu e dos ambiciosos e importantíssimos projetos de pesquisa, ocorriam também exposições itinerantes a pedido das prefeituras do interior do Estado. Em tais exposições dezenas de objetos como documentos, uniformes, armamentos, etc. eram levados a diferentes cidades, permitindo que a cada vez centenas ou até mesmo milhares de estudantes e outros interessados na História da FEB pudessem tomar contato pelo menos com uma pequena fração do impressionante acervo da sede do Museu do Expedicionário em Curitiba<sup>6</sup>.

A preocupação com a inserção da História da FEB no conteúdo ministrado em sala de aula a estudantes de diferentes níveis de ensino com as visitas ao Museu fez parte das preocupações da sua diretoria desde o início. O princípio adotado já na inauguração do Museu foi o de visitas escolares com monitoramento. Os monitores, geralmente estudantes universitários, acompanhavam as turmas de escolares em visita ao Museu, explicando os diferentes aspectos históricos dos objetos ali expostos, suas interfaces com os conteúdos escolares e esclarecendo em tempo real as dúvidas dos visitantes.

---

<sup>6</sup> MUSEU DO EXPEDICIONÁRIO. Material itinerante da exposição de Guarapuava. 29/06/1985

À luz destas informações fica nítido que o ano de 1981 prenunciava uma década de realizações para o MEXP, como de fato ocorreu. Como coroamento destes esforços foi lançado mais um livro de Agostinho Rodrigues, intitulado “35 anos depois da guerra”. Trata-se de um livro reminescente, resultado da visita do autor aos antigos campos de batalha da FEB na Itália na década de 1970.

A primeira metade dos anos 1980 é um período de consolidação destas iniciativas. O número de escolares atendidos nessa fase variava entre 3.200 a 3.500 por ano, sem contar o público das guarnições militares e interessados em geral. Estima-se que as exposições itinerantes tenham angariado público de igual tamanho àquele recebido na sede em Curitiba para as exposições de parte do acervo do Museu por todo interior do Estado.

Também nesse período ficou pronto o Roteiro de Slides Sonoros sobre a FEB. Este interessante e econômico dispositivo audiovisual era regularmente exibido nas escolas públicas e privadas de Curitiba e Região Metropolitana, a pedido das instituições escolares interessadas. Sua projeção emulava em boa medida o roteiro da visita proposta para o Museu em si, servindo tanto para preparar a visita dos estudantes, quanto até mesmo para substituir a visita deles no Museu. Dinâmico e interativo, a exposição continha 155 imagens em 56 diapositivos. Era baseado em extensa e atualizada bibliografia sobre a FEB e a projeção ficava a cargo de um monitor do Museu que operava o projetor de slides e esclarecia dúvidas do público.

A despeito dos êxitos alcançados em momento algum o Museu deixou de se empenhar na atualização, pesquisa e ampliação do seu acervo. Aparentemente, não se cogitava de estabelecer um limite máximo de peças do acervo a ser atingido. Para a diretoria, quanto mais numeroso e mais relevante se tornasse o acervo do Museu, melhor. Em apenas um ano a diretoria do Museu teve de agradecer a 19 companheiros e 4 viúvas pelas doações efetuadas. Mesmo assim, não se deixava de reiterar os pedidos de doações. Incansáveis e ambiciosos, os diretores se davam nessa fase ao luxo de estabelecer prioridades na sua política de captação de doações, como se vê num documento daquela época: “Necessitamos com urgência, flâmulas das unidades, sub-unidades e outras organizações da FEB, uma pistola Walther

PPK, uma pistola Mauser, peças de uniforme de piloto do 1º. Grupo de caça, e de militar alemão de campanha *feldgrau*".

A maior disponibilidade de espaço físico não beneficiou apenas o acervo em exposição do Museu. A LPE também abriu o auditório da Casa para realizar exposições temporárias, projetar filmes, proferir palestras e conferências.

O ano de 1985 é marcado por uma série de lançamentos de livros, todos de autoria de membros ou antigos membros da diretoria da LPE. Novamente, o autor em destaque é Agostinho José Rodrigues. Ele lançou naquele ano uma 2ª. edição de "O Paraná na FEB", além do inédito "3º. Batalhão - O Lapa Azul", onde narra suas memórias como tenente comandante de pelotão de remuniciamento na fase final da Campanha da Itália. Este valioso e útil livro tem sido muito citado desde então, servindo como referência tanto para a realização de pesquisas quanto como fonte de informação para roteiros cinematográficos.

Em comemoração a mais um aniversário da tomada de Monte Castelo a LPE lançou em 21 de fevereiro de 1986 o livro "Nos estivemos lá" de José Dequech. Este livro é uma amostra do exaustivo trabalho de pesquisa a que se dedicaram os membros da LPE naquela época. Muito menos destaque e repercussão obteve na época o lançamento do livro "Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira" de Leonécio Soares. Leonécio foi sargento comandante de grupo de combate e de pelotão de infantaria do 11 RI. Embora de inestimável valor histórico, o livro nunca mereceu da parte da LPE a divulgação que outras obras puderam contar.

A importância dos trabalhos desenvolvidos pelo MEXP acabou finalmente por chamar a atenção da comunidade acadêmica. Embora o público universitário tradicionalmente se mantivesse distante dos assuntos ligados à História Militar, essa atitude não demoraria a mudar. Em 1986 realizou-se em Curitiba a tradicional reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Em uma moção aprovada pela SBPC em 14 de julho de 1986, manifestou-se um voto de louvor a LPE e foi feita a proposta de transformação do Museu do Expedicionário em Centro Nacional de Informação e Documentação dos Expedicionários. Tal proposta foi apresentada por Maria Regina Simões de Paula, historiadora e professora emérita da Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, também esposa de ex-combatente.

A repercussão dessa atitude foi imediata e significativa. Em 12 de setembro de 1986 foi apresentado à Câmara dos Deputados em Brasília uma proposta de projeto de lei criando o Centro Nacional de Preservação da Memória da FEB vinculado à Casa do Expedicionário e ao MEXP. O autor da proposta foi o Deputado Norton Macedo. Segundo o projeto de lei todos documentos, fotografias e objetos relacionados com a FEB e a Segunda Guerra Mundial existentes em repartições públicas civis e militares seriam consignados para identificação, catalogação e exposição permanente, aos cuidados da LPE. Mais ainda, o orçamento da União consignaria verbas próprias para a manutenção do centro.

Posto nestes termos tal projeto de lei viria a consolidar uma série de trabalhos de pesquisa, análise e interpretação de fontes históricas que o MEXP já vinha levando a cabo com extraordinário êxito há quase uma década. Satisfeitos com o reconhecimento obtido, mas almejando ainda mais levar o Museu ao patamar de instituição de importância e área de atuação efetivamente nacionais, a direção da LPE dirigiu em outubro de 1986 uma correspondência a Maria Regina Simões de Paula, na qual externava sua satisfação pelo fato de “sua iniciativa começar a gerar os primeiros frutos”.

A reação a esta proposta não demoraria a se fazer sentir. Inflamada em seus brios de órgão central das entidades que congregavam os veteranos, a Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB) reagiu contra o projeto de lei que pretendia transformar o MEXP em Centro Nacional de Preservação da Memória da FEB.

Em correspondência dirigida a todas entidades representativas dos ex-combatentes a ANVFEB, em 10 de dezembro de 1986, afirmou que existiria perigo em consignar à LPE documentos sobre a FEB, pelo risco de extravio e destruição. Mais ainda, afirmava que a proposta contida no projeto de lei seria equivocada, bem como descabida, prejudicial e onerosa. A LPE se insurgiu imediatamente contra todos esses argumentos, solidamente ancorada na sua incomparável tradição de guarda, preservação e pesquisa documentais e museológicas. Confiante em sua reputação de instituição de pesquisa e museologia, a LPE encaminhou as entidades co-irmãs ambas exposições de

motivos, a sua e a da ANVEFEB, para que todos pudessem formar sua própria opinião a respeito.

A proposta de se transformar o MEXP em Centro Nacional de Preservação da Memória da FEB não foi concretizada, por motivos que ainda não são claros. Contudo, desde o início da polêmica a direção da LPE procurou capitalizar para si o prestígio e repercussão positivos legados pela proposta. Por exemplo, vejam-se os sucessivos apelos da LPE dirigidos a diversas entidades em prol de liberação de financiamento para a realização da XXII convenção nacional da associação dos ex-combatentes a ser realizada em Curitiba em 1988. Dirigidos aos bancos Bamerindus, Caixa Econômica Federal e diversos outros órgãos públicos, em todos eles constava referência a relevância social e científica obtida pelo MEXP com o projeto de lei que visava transformar o Museu em Centro Nacional de Preservação da Memória da FEB.

Em meados da década de 1980 surge mais um recurso para incrementar as visitas ao MEXP. Foi criado um roteiro de visita ao Museu, onde era explicado ao visitante o sentido das exposições ali contidas. Este foi sem dúvida o primeiro guia de visitação produzido pelo MEXP e, em que pesem contra si as limitações inerentes a todo trabalho pioneiro, não deixava de ser um passo importante na direção certa. Atualmente não se admite mais que os museus não disponibilizem, seja para venda, seja para distribuição gratuita, de um guia de visitação impresso.

Dentre os objetos em exposição descritos nesse guia destacavam-se a bandeira nazista capturada em Fornovo e a carabina do tenente Ary Rauen. Esta carabina simbolizava não apenas a bravura e a coragem dos combatentes da FEB como, simultaneamente, a tragédia e o conflito vivido pela comunidade de origem germânica no Brasil na conjuntura da Segunda Guerra Mundial. São conhecidos os conflitos pelos quais passou Nelson Justus, que recolheu a arma junto ao corpo do tenente já morto, ao tentar infrutiferamente entregá-la aos seus familiares. Justus fez a doação da arma para o acervo do MEXP, passando a figurar em exposição permanente, até ser roubada em meados dos anos 1980. Felizmente, essa relíquia foi recuperada, voltando a figurar no Museu, como parte do mais importante expositor daquela casa, inteiramente dedicado à memória de Ary Rauen. Nele podia-se também observar os óculos

Ray-Ban do falecido tenente, no qual faltava uma das lentes, presumivelmente varada por projétil de arma alemã.

Paralelamente, foi desenvolvido também um Roteiro da FEB para distribuição aos visitantes do Museu. Ele continha informações resumidas sobre os principais fatos, datas e números relativos a ação da FEB na Itália. Não se dispõem de números precisos sobre a tiragem dessas publicações, mas em outubro de 1986 a direção da LPE demandava à SEC/PR a impressão de 3.000 roteiros da FEB e 1.000 roteiros do Museu do Expedicionário. Tratava-se de uma quantidade modesta, levando-se em conta que somente naquele ano o Museu recebeu 6.034 escolares.

Na segunda metade da década de 1980 a LPE prosseguiu firme no seu propósito de ampliar o acervo do Museu. Foram feitos pedidos de doações a uma variedade de organizações militares e diplomáticas, como o 1º. Grupo de Aviação de Caça (RJ), o 20º. Grupo de Artilharia de Campanha de Barueri (SP), o Palácio Duque de Caxias (RJ) e até mesmo a Embaixada dos EUA em Brasília (DF), que doou ao MEXP dois uniformes da 10ª. DM EUA. Neste período o MEXP recebeu também o primeiro veículo militar a integrar seu acervo exposto. O Ministério do Exército doou ao Museu um raríssimo e valiosíssimo Scout Car. Trata-se de um veículo raro, dos quais foram recebidos pelo exército apenas noventa exemplares durante a Segunda Guerra Mundial, de importância histórica inestimável. Não se dispõem de informações a respeito, mas pode-se colocar aqui a seguinte questão: pretendia a LPE no futuro montar um acervo de viaturas militares históricas? A hipótese ganha força se levarmos em conta que mesmo a modestíssima e acanhada sede da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, seção de São Paulo, já tinha em seu poder um Carro Blindado M-8, empregado pelo Esquadrão de Reconhecimento na Campanha da Itália.

A primeira década de existência do MEXP na sua sede própria e exclusiva se encerrou de forma exitosa em vários aspectos, embora alguns pontos fracos permanecessem sem solução. Destes o pior de todos era o insuficiente financiamento do Museu por parte da entidade mantenedora, isto é a SEC/PR. Embora a escassez de recursos materiais geralmente fosse contornada, a falta de pessoal especializado se tornava crítica. Em 27 de abril de 1989 a direção do Museu arrolava as necessidades do quadro de pessoal

para seu pleno funcionamento que incluíam 1 coordenador, 2 museólogos, 1 historiador, 1 bibliotecário, 2 professores, 2 auxiliares administrativos, 2 monitores e 2 recepcionistas. Até onde se sabe tal quadro jamais foi completado. Porém, mesmo com pessoal insuficiente, os funcionários e estagiários da SEC conseguiram, à custa de grandes esforços e permanente dedicação, proceder ao registro do acervo em livro tomo, abrangendo todo o período 1981-1993.

Os anos 1980 constituem na história do MEXP um período de consolidação e auge, no que diz respeito a sua relevância social e importância histórica. Já os anos 1990 dão a impressão de um relativo declínio. Logo no início da década abandonou-se a prática de se mandar imprimir um guia de visita para o Museu. O pioneiro roteiro do MEXP não foi mais distribuído, embora alguns poucos exemplares tenham remanescido como manual histórico para treinamento interno dos monitores das visitas ao Museu no período 1992-93<sup>7</sup>. Aliás, parece que até mesmo a monitoria das visitas foi suspensa durante um período de tempo indeterminado, já que um documento datado de 15 de maio de 1995 se propunha a *reativar* o Setor Educativo do Museu do Expedicionário, suspenso em 1993. Parece claro que estas dificuldades se deviam ao insuficiente financiamento da entidade mantenedora às atividades do Museu. Faltavam os elementos humanos indispensáveis ao funcionamento do Setor Educativo.

A escassez de recursos, embora grave, em nada afetou a firme orientação política e metodológica da direção do Museu. Datam desta época importantes iniciativas de grande alcance cultural e científico. Por exemplo, em 4 de outubro de 1995 a LPE solicitava a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná o tombamento do prédio e da Praça do Expedicionário. Na exposição de motivos consta a importância histórica do prédio e da praça, além de se mencionar o incomparável acervo de 12.000 itens do museu.

Não se nota neste período nenhuma ênfase especial no que diz respeito ao esforço de ampliação do acervo do Museu. Mais grave, porém, é que a LPE não soube resistir com êxito às pretensões de mutilação do seu patrimônio histórico por parte de entidades que, não só não tinham qualquer contrapartida

---

<sup>7</sup> MUSEU DO EXPEDICIONÁRIO. Manual Histórico para Treinamento Interno (1991-1992), Curitiba, MEXP.



a oferecer, como nem sequer tinham finalidade histórica ou museológica. Por exemplo, em 2 de julho de 1996 o comando do 20<sup>o</sup>. Batalhão de Infantaria Blindada (20 BIB) de Curitiba solicitava a doação a título definitivo do acervo histórico referente a Max Wolf Filho. O objetivo era deixar tal acervo em exposição na assim chamada “sala da memória” então inaugurada naquele quartel<sup>8</sup>. De forma polida, em agosto daquele ano a LPE informava ao quartel que o pedido já havia sido submetido aos associados, mas que necessitava de maiores estudos, tanto por parte da plenária quanto da diretoria<sup>9</sup>. Em algum momento as pretensões do 20 BIB foram atendidas pelo MEXP, fazendo com que um número substancial de objetos e documentos pertencentes ao falecido Max Wolf Filho fosse doado ao 20 BIB.

Se o acervo do Museu não foi preservado, o mesmo se pode dizer dos projetos de pesquisa. Nos anos 1990 o MEXP deixa de pesquisar seu acervo e sua ampla base documental, bem como abandona o estratégico projeto de aquisição de cópias de documentos históricos em poder de outras instituições. Pior ainda, não se fazem mais lançamentos de livros ou revistas, até então o mais importante instrumento empregado para relatar resultados inéditos de pesquisas.

Aqui a alegação de falta de recursos não procede. Embora não dispusesse de condições financeiras para voltar a imprimir o roteiro do Museu do Expedicionário, o MEXP passa a imprimir livretos e folders com biografias de membros da LPE mas sob uma perspectiva completamente antagônica aos valores historicamente defendidos pela entidade. Em 1996 surgem as publicações intituladas “Nosso Herói do Mês” e, entre 1997 e 1998, os livretos da coleção “Uma vida, uma História”<sup>10</sup>. Tratam-se de textos que contém visões idealizadas e edulcoradas dos seus biografados. Delas foram retiradas todas referências ao passado de dificuldades e humilhações dos ex-combatentes e seus familiares, isto é, justamente os fatos que historicamente motivaram a própria fundação da LPE. Indivíduos que necessitaram do amparo da LPE, aliás, uma das razões de ser da entidade durante a maior parte da sua história,

---

<sup>8</sup> 20 BIB ofício de 2/07/1996 – pedido de doação acervo Max Wolff Filho.

<sup>9</sup> LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO. Ofício resposta da LPE 20 ao pedido do BIB cf. ofício de 2/07/1996 (pedido de doação acervo Max Wolff Filho)

<sup>10</sup> MAGANHOTO, C. O. Uma vida, uma história. Curitiba, Museu do Expedicionário, 1997.

tiveram estes fatos omitidos das suas biografias, convertidas em uma sucessão de eventos compostos exclusivamente de glórias e realizações. Mais ainda, personagens que não tiveram qualquer papel na linha de frente dos combates travados pela FEB puderam garantir, nestas publicações, a imposição de uma versão do passado em que dão a entender que foram verdadeiros e corajosos ex-combatentes.

A constatação que se faz a partir do exame destes textos publicados pelo MEXP nos anos 1990 é a de que se tratam de textos sem o menor valor científico ou histórico: são vulgarizações distorcidas, incompletas e puramente celebrativas. O caráter exclusivamente panegírico dos textos é confirmado pelo texto do “projeto” de “pesquisa” que deu lhes deu origem. Ali é mencionado que, além dos livretos, também seriam confeccionadas placas comemorativas, oferecidos coquetéis e realizadas homenagens aos biografados. O fato da maioria dos biografados não apenas ainda estar viva, mas também participar ativamente de todas etapas do projeto, aparentemente, não foi considerado motivo de qualquer constrangimento por ninguém.

Data desta época a primeira atividade de grande envergadura conduzida pela LPE e o Departamento de História (DEHIS) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O professor tutor responsável pelo Programa Especial de Treinamento (PET) do Curso de História propôs à direção da LPE, no âmbito do Programa PET-Museus a elaboração de uma nova e atualizada versão do Guia do Museu do Expedicionário, bem com a reativação da seção didático-pedagógica. Essa iniciativa não teve sequência dentro do PET, embora tenha legado uma nova e rudimentar versão do Guia do Museu. Nesse guia, podia-se encontrar uma breve história do museu, um descritivo do acervo exposto e indicações de diferentes estratégias de análise e interpretação deste<sup>11</sup>.

Este trabalho seria retomado em 1999 no âmbito do Programa de Extensão Universitária Educação para a Cidadania, também do DEHIS/UFPR. A proposta inicial de trabalho era disponibilizar um guia para os visitantes do museu. A partir da impressão de uma segunda versão desse guia para os visitantes do Museu, e já sob os auspícios do programa de extensão

---

<sup>11</sup> Agradeço ao Prof. Dr. Marcos Napolitano (USP) a oportunidade de ter participado com um artigo da publicação do Guia do Museu do Expedicionário por ele coordenado. OLIVEIRA, D. **História e Historiografia Militar**. In: NAPOLITANO, M. (org.) **Museu do Expedicionário, PET/HISTORIA/UFPR**, Curitiba, p. 34-40, 2000.

universitária Educação para a Cidadania, a proposta foi substancialmente ampliada.

Percebemos que a dinâmica de recepção de escolares adotada naquele Museu, e usual em quase todos os outros, não era compatível com os interesses que motivavam as visitas. Via de regra, os museus dispõem apenas e tão somente de um único monitor para acompanhar os estudantes nas visitas, o que acarreta uma série de problemas, e o Museu do Expedicionário, à época não fugia a esse padrão. Para começar, cabe notar que nem sempre os monitores são adequadamente treinados e têm seus conhecimentos atualizados, o que por si só já leva a uma série de impasses e conflitos. Mais ainda, o fato de um único monitor se encarregar de percorrer com os visitantes todo acervo exposto, é fonte de cansaço e aborrecimento por parte dos estudantes. Nem todos os estudantes se interessam igualmente por todos os espaços expositivos constantes do museu, mas são obrigados a seguir o monitor pela mesma sequência de salas, dedicando a todas elas um mesmo período de tempo. A fim de que todos possam ouvir as explicações do monitor, os estudantes são obrigados a guardar completo silêncio, só se manifestando quando do final de cada preleção. Isso leva tanto ao rápido declínio do grau de concentração dos alunos nas explicações do monitor, quanto à associação da visita ao museu como mais uma aula expositiva, pouco em nada diferindo daquelas que são usuais no ambiente escolar. Perde-se dessa forma, qualquer possibilidade, por parte dos estudantes da educação básica, de se reapropriar, ressignificar ou reinterpretar os espaços museológicos, como justificadamente insistem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para a Educação Básica do Ministério da Educação (MEC).

A superação dessas deficiências foi lograda por meio de uma abordagem completamente diferente, adotada neste Programa de Extensão Universitária, iniciado no ano 2000. Em vez de um único monitor, foram treinados catorze estudantes de graduação do curso de História para atuarem como monitores. Dessa forma, foi possível alocar um monitor em cada espaço expositivo dentro do Museu. Agora, não era toda uma turma de escolares em visita que tinha que seguir o monitor no Museu. Os estudantes podiam escolher livremente a sequência de espaços expositivos que desejavam conhecer conforme seus gostos, prioridades e inclinações. Em todos eles havia um

monitor treinado para explicar a natureza da exposição ali presente, bem como tirar dúvidas dos visitantes.

Essa abordagem apresentou diversas vantagens. Em primeiro lugar, deu um caráter mais dinâmico e interativo à visita ao respeitar as preferências dos visitantes e propiciar um diálogo permanente deles com os monitores. A possibilidade de circular pelas salas do Museu, de conversar com os monitores e mesmo com os colegas de classe acabou de vez com qualquer associação que se pudesse fazer entre a visita ao Museu e aula expositiva. O espaço museológico foi transformado em um autêntico fórum de debates, dinâmico e participativo, no qual os escolares eram tratados pelos monitores como seus iguais, isto é, como interessados como eles em conhecer e pesquisar a história da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Naturalmente que a pouca diferença de idade entre os estudantes da Educação Básica e os universitários muito favoreceu essa interação e identificação. Não podemos descartar a possibilidade de que, na maioria dos casos, os universitários tenham sido tomados como modelos sociais pelos estudantes de Educação Básica. Se isso de fato ocorreu, os monitores teriam inspirado pelo menos alguns estudantes dos níveis fundamental e médio a considerarem a possibilidade deles próprios virem a optar pelo curso de História quando da realização de seus estudos universitários.

Em segundo lugar, permitiu um aprofundamento no tratamento dos conteúdos de cada espaço expositivo. Em vez de um único monitor “generalista” que falava sobre todo o museu de uma única vez, agora se dispunha de monitores que se especializaram no espaço expositivo pelo qual se tornaram responsáveis. Muitas horas de leitura, pesquisa e orientação foram necessárias até que cada um dos monitores pudesse afirmar que dominava integralmente o conteúdo daquela parte do Museu que era de sua responsabilidade. Mesmo porque, na elaboração do guia de visita daquele Museu, todos monitores envolvidos participaram como autores do capítulo relativo ao seu espaço. Assim, os visitantes não mais se frustravam com explicações aborrecidas, parciais ou genéricas sobre os tópicos que eram de seu interesse e que desejavam aprofundar, à medida que tinham contato com pesquisadores com amplo conhecimento de causa da exposição a que se referiam. Mais ainda, dividiu-se dessa forma o extenso trabalho intelectual que

se refere ao tratamento de uma variedade de suportes informacionais (fotos, jornais, objetos, armas, uniformes, etc.) cuja análise e interpretação sempre requer distintas metodologias.

Finalmente, de um ponto de vista prático, não podemos deixar de mencionar mais uma vantagem da metodologia ali adotada. Ao alocar um monitor para cada espaço expositivo, aumentaram bastante as condições de segurança do acervo exposto. Embora não seja papel funcional do monitor agir como agente de segurança, a verdade é que sua simples presença, para não mencionar o interesse que sua fala era capaz de atrair, também servia para coibir comportamentos não compatíveis por parte dos visitantes com o ambiente museológico. Os fatos falam por si. Embora mais de uma centena de alunos dos níveis fundamental e médio frequentassem o Museu a cada vez, jamais se registrou no decorrer da atividade extensionista qualquer incidente desagradável.

Outras iniciativas voltadas para a divulgação da História da FEB também ocorreram no âmbito do Programa de Extensão Universitária. Foi criada uma página na internet dedicada a divulgação de documentos do acervo do Museu do Expedicionário, a proposição de estratégias de ensino-aprendizagem com base nessas fontes, indicação de literatura comentada sobre a FEB, etc. a qual se deu o nome de “Academia Montese”. Esta página se tornou também um veículo de divulgação das fontes históricas do Museu do Expedicionário, numa base pública e gratuita. Ao fim e ao cabo almejava-se colocar nesta página na internet, num período de tempo que se estimava levar talvez uma década, *todos* os documentos históricos mantidos pela LPE. Durante os dois anos em que esteve ativa a Academia Montese logrou atrair um público superior a dez mil visitantes.

Finalmente, alguns estudantes envolvidos no projeto puderam coordenar seu período de estágio supervisionado, na prática de ensino de História em escolas de Educação Básica, com as atividades como monitores voluntários no Museu. Desta forma, logrou-se uma intensa e proveitosa interação entre a Escola, a Universidade e o Museu, sempre no interesse do atingimento do objetivo de se divulgar entre os estudantes de Educação Básica a História da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, além de despertar vocações de pesquisa sobre o tema entre o público universitário.

De fato, já em 2002 foram apresentados ao Departamento de História nada menos do que seis trabalhos de conclusão de curso de graduação dedicados a História Militar – fato sem precedentes, se levarmos em conta que a História Militar desde sempre esteve proscrita das linhas de pesquisa do DEHIS/UFPR e da maior parte da Universidade. Destes, cinco eram voltados a pesquisas sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Já no ano seguinte foi defendido no âmbito dos cursos de pós-graduação em História da UFPR a primeira dissertação de mestrado dedicada ao estudo da história da LPE.

Em que pesem os substanciais ganhos educacionais, científicos e culturais auferidos pelo Programa de Extensão Universitária Educação para a Cidadania, a então direção da LPE entendeu não ser relevante dar continuidade a nenhuma destas iniciativas. Desta forma foi desativada a página da Academia Montese na internet, extinta a seção didático-pedagógica baseada nos 14 estudantes voluntários da UFPR, abandonados os esforços de atualização do Guia do Museu do Expedicionário e praticamente encerradas as pesquisas de graduação e pós-graduação realizados no Curso de História sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

É importante notar que a partir da exitosa e conclusiva experiência no Museu do Expedicionário, foram criadas condições para que as atividades do programa de extensão universitária fossem levadas a outros museus de Curitiba, região metropolitana e litoral. Entre 2000 e 2005, foram desenvolvidas atividades similares em diversos outros museus e espaços expositivos em cidades dessas regiões paranaenses: Museu Paranaense (Curitiba), Museu Atilio Rocco (São José dos Pinhais), Museu de Arte Sacra (Curitiba), Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá (Paranaguá), Museu Ferroviário (Curitiba), Museu da Polícia Militar (Curitiba), Batalhão de Infantaria Blindada Max Wolf Filho (Curitiba), Museu das Forças de Paz (Curitiba), Igreja do Bom Jesus (Curitiba), entre outros.

Se os anos 1990 podem ser tomados como de relativo declínio da importância científica e cultural do MEXP o século XXI só pode ser considerado como de franca decadência. As atividades de pesquisa parecem ter sido completamente suspensas, perdendo assim o Museu sua principal razão de existir. Nessa fase mais recente da sua história o Museu não lançou nenhuma

publicação digna de nota. As exposições itinerantes ao interior do Estado cessaram sem qualquer sinal de que venham a serem retomadas num futuro previsível.

Muito pior e mais danoso para o MEXP do que a paralização das suas atividades de pesquisa ou a suspensão das exposições itinerantes foram os sucessivos desfalques de peças do seu acervo exposto, a começar justamente pelas historicamente mais importantes. A primeira a desaparecer, em circunstâncias até agora desconhecidas, foi o Scout Car. O veículo esteve em exposição na área interna do MEXP até 2003. Nunca mais foi visto. Também peças de menor tamanho, mas de imenso valor histórico e cultural, deixaram de fazer parte do acervo. Por mais incrível que possa parecer, todas foram comprovadamente doadas pela LPE a entidades que não exercem absolutamente nenhuma função museológica ou científica. Pior ainda, não se tratavam de peças “duplicadas” ou “excedentes” que poderiam ser trocadas com outros museus, como foi estabelecido pela direção do Museu em sua origem. Tratavam-se invariavelmente de peças únicas, incomparáveis, insubstituíveis.

Em 10 de agosto de 2006 a carabina que pertenceu ao Tenente Ary Rauen foi doada ao 5º Regimento de Carros de Combate em Rio Negro (PR). Para além do seu enorme e insubstituível conteúdo simbólico, esta arma também era uma peça de substancial valor arqueológico. Do ponto de vista da arqueologia industrial contemporânea, revela e explicita uma série de dimensões culturais da produção bélica, da concepção tática e da aplicação militar vigentes nos anos 1940 que muito acrescentam ao nosso conhecimento sobre a Segunda Guerra Mundial. É absolutamente incompreensível que a LPE a tenha doado a um quartel, sem obter para seu acervo qualquer contrapartida – imaginando-se que tal fosse possível – ou sequer obrigar a entidade que a recebeu em doação a oferecer condições adequadas de guarda, preservação e acesso a visitas públicas<sup>12</sup>.

Embora ruinosas, não pararam aí as nefastas e incompreensíveis doações da LPE ao 5º Regimento de Carros de Combate. Em 24 de janeiro de 2008 foi feita a doação de objetos como mala de lona, saco de lona, avental de

---

<sup>12</sup> LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO. Ofício 142/2006 de 10/08/2006.

enfermeira, cantil, caneca, marmita, faca, colher, placas de identificação, padiola de madeira, túnica de oficial da artilharia, calça e macacão. Nos anos 1980 estes objetos poderiam perfeitamente ter composto uma das muitas exposições itinerantes que a LPE enviava a cidades por todo interior do Estado, hoje abandonadas<sup>13</sup>.

Mas o pior ainda estava por vir. Em 27 de abril de 2008 foi feita a doação da bandeira de guerra nazista ao 9º Batalhão de Engenharia de Combate, na distante Aquidauana (MS). Desfazia-se desta forma o MEXP da mais importante peça do seu acervo, doada sem qualquer contrapartida por parte daquele quartel, presumindo-se que fosse possível se retribuir de forma equivalente tão espantosa e incompreensível doação. O fato se torna ainda mais difícil de entender quando se leva em conta que o 9º. BEC foi, durante muito tempo após a guerra, incapaz sequer de organizar ou manter em condições adequadas de armazenagem seus próprios arquivos e registros da época em que fez parte da FEB, como revela em seu livro de memórias o ex-comandante daquela unidade na Campanha da Itália, o então coronel Machado Lopes.

A luz das considerações aqui tecidas é possível se pensar o futuro do MEXP. O exame da história do MEXP deixa claro o enorme potencial do Museu como entidade científica e cultural. Embora desfalcado momentaneamente das mais importantes peças do seu acervo, nada impede que futuramente a direção do Museu se empenhe em reaver tais objetos. Embora abandonada há anos, não existe empecilho para que as atividades de pesquisa sejam retomadas, que o processo de obtenção, análise e interpretação de fontes históricas seja reiniciado, inclusive em novas e mais atualizadas bases.

O conhecimento histórico sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial avançou enormemente desde que o MEXP encerrou suas atividades de pesquisa há anos atrás. Igualmente, avançou muito a disseminação da tecnologia de captação, preservação e distribuição de informações, graças as inovações na área da informática. Enfim, o contexto atual apresenta virtualidades que tornarão no futuro muito mais amplas e significativas as atividades de pesquisa que o Museu vier a retomar.

---

<sup>13</sup> LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO. Ofício 01/2008. 24/01/2008. 6/9947.



## Torpedeamentos e Guerra Naval - Sala José Dequech

Nikesara Luana de Jesus<sup>14</sup>

O espaço José Dequech é nomeado em homenagem ao sargento auxiliar da companhia de obuses e autor de “Nós estivemos lá”, livro em que relata suas memórias do front. É também o nome da primeira sala do Museu do Expedicionário, e através de seu acervo podemos começar a entender como se deu a formação da FEB e a entrada efetiva do Brasil na Guerra.

À sua parede direita a sala possui quadros dos navios brasileiros que foram torpedeados por submarinos alemães e uma farda da marinha brasileira, assim como dois quadros que reproduzem reportagens da época, que falam sobre esses torpedeamentos - normalmente associando esses torpedeamentos a um ataque covarde, equivalente a um “Pearl Harbor” brasileiro. O fundo da sala expõe uma mola de canhão 40 mm, uma bússola, e uma foto do cruzador Bahia. Sua parede esquerda expõe um quadro com as identificações dos comandantes alemães dos submarinos U-Boats, abreviatura de Untersee ou *submarino* em alemão, um quadro com uma tabela que exhibe todos os navios brasileiros torpedeados, e uma farda de gala da marinha. A mesa central exhibe uma seleção de itens utilizados pela marinha: sextante, telefone, o manômetro do navio Minas Gerais, lanterna, placas indicadoras e um quadro com diversas medalhas. Todos os itens possuem legenda, exceto as fardas.

Ao contrário do que se fez crer a maioria da população da época, os torpedeamentos a navios brasileiros não ocorreram sem nenhum motivo, são resultados de longos processos.

De acordo com Bonalume (1995), a entrada do Brasil na Guerra se deve ao fato da difícil manutenção de uma neutralidade em uma guerra com as proporções que essa já tomava. A guerra, que começa em 1939, tem em sua gênese a Grã-Bretanha e a França contra a Alemanha, sendo que os EUA estava informalmente ao lado das duas primeiras potências e o Brasil a essa época mantinha relações com ambos os lados, sendo economicamente dependente dos norte americanos. Em 1939 realiza-se o primeiro dos

---

<sup>14</sup> Estudante do Curso de Graduação em História da UFPR (diurno). E-mail: nikesara\_luana@hotmail.com

encontros dos chanceleres das Américas, tendo como resultado a decisão de neutralidade<sup>15</sup>, ainda que a pressão norte-americana era de total apoio as suas decisões. Bonalume destaca que o Brasil despertava interesse a ambos os lados da guerra: “havia duas coisas que podiam interessar a um beligerante: matérias-primas(...) e uma posição geográfica estratégica. A costa Nordeste é, no continente americano, o ponto mais perto da África”<sup>16</sup>.

A política brasileira procurava se balizar entre os interesses de ambos os lados e manter neutralidade. Os EUA, visando garantir apoio brasileiro às suas decisões bélicas, empresta ao Brasil dinheiro a ser investido em modernização. Em troca, o Brasil permite aos norte-americanos a instalação de oito bases em seu território, ainda no ano de 1941, antes do ataque a Pearl-Harbor, que alegavam servirem de proteção de possíveis ataques do Eixo.

Pearl Harbor é atacada em 7 de dezembro de 1941, e com isso se dá a efetiva entrada dos EUA na guerra. Nesse tempo forma-se o terceiro congresso dos chanceleres: os americanos que pressionavam a América Latina desde o principio conseguem apoio de vários países, exceto Argentina e Chile. Em janeiro de 1942 o Brasil rompe relações diplomáticas com o Eixo<sup>17</sup>.

Com as bases cedidas aos EUA e o rompimento das relações, a Alemanha entende que a neutralidade brasileira era apenas de fachada, e salvaguardando apenas os navios chilenos e argentinos, começam as retaliações eixistas, reforçando os torpedeamentos aos navios brasileiros. Chamado por Bonalume de “Massacre no mar do Nordeste”<sup>18</sup>, 32 navios brasileiros foram afundados - levando a quase 1000 mortes entre civis e militares no processo - por submarinos alemães. O autor chama de massacre tal fato pois os navios em sua maioria foram torpedeados a noite, inesperadamente, não dando possibilidade de salvamento a seus tripulantes e passageiros. As notícias de tais fatos chocaram a população, que saiu as ruas pedindo revanche aos torpedeamentos, sem no entanto saber da inteireza dos fatos, como destaca Oliveira: “Sem ter conhecimento da inteireza dos fatos que levaram a Alemanha a desencadear a guerra submarina contra o Brasil, a

---

<sup>15</sup> Bonalume Neto, R. **A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate (1942-45)** Rio de Janeiro, Expressão e cultura, 1995.

<sup>16</sup> Idem pp30.

<sup>17</sup> Idem pp 32.

<sup>18</sup> Idem pp 43. Cap 3.

opinião pública foi tomada pelo choque, repulsa e um insuperável desejo de vingança contra o que se considerava uma agressão injustificável e bárbara contra um povo pacífico”<sup>19</sup>.

O Brasil justifica sua ida a guerra confirmando ao povo a idéia de que foi atacado enquanto praticava uma estrita neutralidade. A maioria da população não sabia que o governo cedeu bases aos americanos, e muitos foram à guerra em nome de uma vingança que julgavam necessária, mas sem terem conhecimento integral dos fatos, como destaca Oliveira: “(existe) uma enorme discrepância entre os fatos ocorridos nas relações internacionais entre o Brasil, a Alemanha e os EUA e aquilo que efetivamente era permitido a nossa opinião publica saber”<sup>20</sup>. Isso se dava principalmente em função da Ditadura Vargasista e seu o controle sobre a imprensa.

Usando, portanto, de recursos propagandísticos para justificar a ida a guerra como um “combate a covardia”, em agosto de 1942 Getúlio Vargas declara guerra ao Eixo. A época afirmava-se que havia sido contra a covardia dos ataques submarinos e em prol da vingança aos nossos mortos inocentes, que a Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi criada em 1943. Contudo, no contexto de criação da FEB e sua efetiva mobilização (1944) o clamor popular em torno da “vingança” já não mais existia. Foram interesses políticos, militares, diplomáticos e econômicos, ligados à política do Estado Novo que melhor explicam a criação da FEB do que o atendimento a um difuso e breve “clamor” popular.<sup>21</sup>

Compreende-se a importância do acervo aqui exposto para o estudante de ensino médio, pois este possibilita um maior entendimento da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e uma leitura dos fatos para além dos materiais didáticos. São fontes materiais visíveis que solidificam o saber, assim como permitem ao aluno abstrair outras dimensões daquela conjuntura histórica, não necessariamente presentes na exposição. A interdisciplinaridade com a geografia é o ponto forte dessa sala, pelas implicações geográficas já referidas, além de remeter a outros cenários, através de capacetes brasileiros, quadros com comandantes alemães, unidades navais dos EUA, etc. Além de

---

<sup>19</sup> Oliveira, Dennison de. **Os Soldados Alemães de Vargas**. Curitiba: Juruá 2008.

<sup>20</sup> Idem pp.40

<sup>21</sup> ALVES, Wagner Camilo. **Itália e Coréia: decisões sobre ir ou não a guerra**. Editora UFMG, 2007, 268 p.

que, entender a Segunda Guerra Mundial requer entender o papel das nações de que dela participaram, como o Brasil, em apoio aos Estados Unidos, lutando na Itália contra os alemães.

Seu ponto de significância para o ensino fundamental fica por conta dos valores éticos que envolvem os torpedeamentos, já que a população em geral não sabia que o governo brasileiro havia anteriormente cedido bases aos americanos, e as conseqüentes represálias geradas. Entende-se, pois, os protestos contra a covardia de tais ataques. Não que esses não se constituíssem numa indignidade, mas é importante notar que oficialmente alardeava-se tais fatos sem justificar seus antecedentes. Ou seja, poucos brasileiros sabiam na íntegra dos fatos que envolviam a entrada do Brasil na Guerra. Tratam-se de circunstâncias que, embora aqui referidas ao contexto da Segunda Guerra Mundial, podem ainda hoje se constituírem em variáveis úteis de análise para o tempo presente.

### **Forças Aliadas Na Itália – Sala Thomaz Walter Iwersen**

André Felipe Nakano Teixeira<sup>22</sup>

Esta sala fica logo a direita após a entrada do museu. Leva o nome de Thomaz Walter Iwersen<sup>23</sup>, conhecido como o primeiro combatente sul-americano a desembarcar em território italiano no dia 16 de julho de 1944. Nela encontraremos, além de outros materiais, alguns uniformes usados por exércitos aliados, mapas, topografias e algumas medalhas recebidas pelos atuantes do teatro operacional da Itália. Estará evidente nesta sala, primeiramente, uniformes de algumas forças aliadas que atuaram na campanha italiana. Podemos destacar uniformes do exército norte-americano, pois foi a ele que a Força Expedicionária Brasileira foi incorporada (no IV corpo, sob comando do general Lucas, do V exército norte-americano, sob comando do general Mark Clark). Os pracinhas lutaram lado a lado com

---

<sup>22</sup> Estudante do Curso de Graduação em História da UFPR (Diurno). E-mail: nakano.teixeira@hotmail.com

<sup>23</sup> RODRIGUES, Agostinho José. **O Paraná na FEB**. Imprensa oficial do Estado, Curitiba. p. 24 (há nesta página a ilustração do Tenente Iwersen desembarcando na cidade de Nápoles, junto com o primeiro escalão da FEB).

americanos em lugares como Monte Castello (nesta sala encontra-se uma representação topográfica do relevo desta região, além de Castelnuovo e Montese), onde a 1a Divisão de Infantaria da Força Expedicionária brasileira, com apoio da 10a divisão de montanha americana, tomaram, com muitas dificuldades, este monte.

A campanha italiana se caracterizou pelas dificuldades adversas, como o relevo irregular dos Apeninos e o clima rigoroso, como o inverno que abateu a região no final do ano de 1944, época das primeiras tentativas de tomada do Monte Castello pelos pracinhas Brasileiros. Muitas vezes os abastecimentos de posições avançadas eram feitos com mulas de carga<sup>24</sup>. Várias nações estiveram envolvidas no fronte Italiano. Os exércitos que compunham o front Aliado de maneira geral eram o V exército Norte-americano e o VIII exército Britânico. Mas a estes exércitos foram incorporados exércitos de outras nações e etnias, como no caso britânico: Canadenses, Australianos, Poloneses exilados e outros. Ou como Marroquinos e Senegaleses no caso Francês, e muitos outros casos em toda 2a guerra, inclusive, como no nosso caso, a FEB, simbolizando um misto de nações lutando em conjunto. Nas batalhas do Monte Cassino<sup>25</sup> (de janeiro a maio de 1944), uma das mais importantes da campanha italiana, e antes da chegada dos brasileiros na Itália, houve um efetivo de soldados de varias nações como EUA, Grã-Bretanha, Nova Zelândia, Índia, Nepal, colônias franceses da África do norte, Argélia e Marrocos, etc.

É interessante comentar sobre como funcionava<sup>26</sup> a (não)integração racial de algumas destas unidades envolvidas. A 92a divisão de infantaria norte-americana era conhecida como divisão Búfalo, era composta por soldados negros, embora comandados por oficiais brancos. Obviamente a moral desta unidade era baixa, comprometendo a sua eficiência em combate. Segregação parecida houve na campanha da Itália com unidades Indianas, que era composta por

<sup>24</sup> CRITTENBERGER, Willis D. **Campanha ao noroeste da Itália**. Biblioteca do exército. Rio de Janeiro. pg22

<sup>25</sup> GRAHAM, Dominick. **Monte Cassino: Batalha de nações**. Nova York, Ballantine Books Inc.

<sup>26</sup> BONALUME NETO, Ricardo. **A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate (1942-45)**. Rio de Janeiro, Expressão e cultura. Pg. 168-169 (No trecho do livro, há um comentário feito pelo General do V exército americano Mark Clark sobre discriminação e segregação nas unidades militares e como isso afeta o desempenho delas em combate).

indianos e comandados por britânicos. O mesmo aconteceu com Marroquinos e Senegaleses, comandados por oficiais Franceses.

Em contrapartida<sup>27</sup>, a moral do 442º Time Regimental de Combate, também segregado, era considerada altamente positiva. Esse regimento era composto por soldados Nissei (descendentes de japoneses), que geralmente, enquanto lutavam, suas famílias ficavam internadas em campos de concentração norte americanos. Logo, lutavam com enorme bravura, como que se quisessem provar que eram verdadeiros americanos, algo beirando ao fanatismo. Distinguiu-se em combate contra os alemães ao norte de Roma, e em seguida no teatro operacional francês. Os soldados nipo-americanos fizeram do 442º Regimento, paradoxalmente, a **mais condecorada unidade militar americana da história**.

Dentro deste quadro de segregacionismo, o Brasil, que tinha sérios problemas sociais internos (com um racismo ainda muito evidente dentro da sociedade brasileira), enviou uma divisão expedicionária que era a única racialmente integrada neste front italiano<sup>28</sup> ou em qualquer outro. Embora tenham ocorrido alguns incidentes racistas, como em desfiles militares em que era ordenado que tirassem ou escondessem os soldados negros das colunas, para que não aparecessem nas fotos, não houve formais restrições à ascensão dos negros a qualquer posto de oficial.

É importante lembrar também, que nesta sala há 2 uniformes, um norueguês e outro holandês, nacionalidades que – embora pertencentes ao grupo dos Aliados - não estiveram na campanha da Itália. Portanto pode-se relacionar o tema da sala, a outros contextos da Segunda Guerra Mundial.

O conjunto desta sala remete, em maioria, a experiência das forças aliadas em campanha na Itália. Algumas conquistas são enfatizadas, tanto brasileiras como as de outras nacionalidades, como no caso Polonês, que tem várias medalhas em exposição. O efetivo polonês é recorrentemente citado como o terceiro em ordem de importância na Campanha da Itália na sua fase anterior à tomada de Roma (4/06/1944) , depois de franceses em primeiro lugar e norte-americanos em segundo. Tais elementos remetem principalmente a

---

<sup>27</sup> Idem. Pg 131

<sup>28</sup> MAXIMIANO, Cesar Campiani & OLIVEIRA, Dennison de. **Raça e Forças Armadas: o caso da campanha da Itália.**(1944/45). Revista de História da UNESP. 2001, pg 2-18

lembranças, tanto pessoais quanto institucionais, de um passado cada vez mais distante da nossa realidade, mas que deveriam estar cada vez mais vivas em nossas memórias. Tal objetivo pode ser atendido pelo uso deste espaço expositivo para suscitar pesquisas, discussões e avaliações sobre temas tão relevantes para estudantes de Educação Básica e Superior como as relações entre os EUA e a América Latina. Racismo e cotas raciais. Segregação e integração.

### **Alto-comando da FEB**

Matteus Macedo<sup>29</sup>

Na sala Thomaz W. Iwersen logo na entrada do Museu do Expedicionário, entre outras peças abriga dois quadros com fotos da campanha da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Nestes quadros aparecem figuras ilustres da FEB como Mascarenhas de Moraes que foi Comandante da 1ª. DIE, Euclides Zenobio da Costa que foi Comandante da Infantaria Divisionária, Osvaldo Cordeiro de Farias que foi Comandante da Artilharia Divisionária e Floriano de Lima Brayner que foi chefe do estado maior da FEB, e do exercito Norte Americano como Vernon A. Walters que foi interprete, Willis D. Crittenberger que foi Comandante do IV corpo do V exercito dos EUA e Mark Waine Clarck que foi Comandante do V Exercito dos EUA.

Este texto tem como objetivo mostrar o contexto e o conteúdo de cada foto presente no quadro, a fim de suscitar questões históricas relativas ao papel da FEB tanto em combate como no pré-guerra e no pós-guerra.

Foto 1: Nesta foto temos Mascarenhas, Zenobio e Lima Brayner, dentro do navio que levou o 1º. Escalão da FEB à Itália. Masca fez questão de embarcar no décimo Escalão. Tratava-se de uma época de muita dúvida sobre o total dos efetivos que seriam de fato enviados ao front.

---

<sup>29</sup> Estudante do Curso de Graduação em História da UFPR (Diurno). E-mail: matteus\_macedo@hotmail.com

Foto 2: Mascarenhas em foto cerimonial já ostentando o título de Marechal de Exército o qual lhe foi atribuído pela Assembléia Nacional Constituinte de 1946. O Exército só reconheceria tal título na década seguinte.

Foto 3: Mascarenhas, Lima Brayner no segundo e último desfile, tido como de despedida da FEB no Rio de Janeiro em junho de 1944.

Foto 4: Mascarenhas ,Vernon Walters, Mark Clarck entrega a masca uma espada.

Foto 5: Mascarenhas, Mark Clarck e também presente o último comandante francês da missão militar 1920-40 que na época tinha cargo militar na França de Gaulle, eles estão na Itália durante o desfile do dia do soldado:25/08/1944.

Foto 6: Mascarenhas e oficiais na Itália.

Foto 7: Mascarenhas visualizando um mapa.

Foto 8: Cerimonia de condecoração de Alessandria , Itália após a guerra.

Foto 9: Condecoração de Zenobio e Cordeiro de Farias devemos ressaltar que nenhum dos 2 havia sido escolhidos para seus cargos por Mascarenhas. Todo o comando de Mascarenhas foi-lhe imposto por Dutra.

Foto 10: Condecoração de um soldado brasileiro por Mascarenhas.

Foto 11: Mascarenhas e Crittenberger durante a Condecoração de Alessandria.

Foto 12: General Mascarenhas, Coronel Brayner e oficiais do estado maior recebem aula de inglês, antes de partir para os EUA a fim de cursarem a escola de estado maior do exercito dos EUA.

Foto 13: Mascarenhas e um Praça brasileiro.

Foto 14: Mascarenhas e Zenóbio em Alessandria

Foto 15: Missa em honra aos mortos em Alessandria

Foto 16: Os três chefes Mascarenhas, Zenobio, e Coronel Lima Brayner, conferenciam sobre as operações do destacamento Zenobio em 18 de setembro de 1944. Naquela época, reduzida apenas a um dos seus três Regimentos de Infantaria e um dos seus quatro GO as tropas da 1ª. DIE da FEB foram comandadas por Zenóbio. Mascarenhas só assumiria o comando da divisão com a chegada dos efetivos da divisão no mês seguinte.

Foto 17: Desfile Militar de despedida aonde consta Mascarenhas.

Foto 18: Mascarenhas e Lima Brayner no desfile de despedida.



Foto 19: Mascarenhas ao lado de um jipe na Itália, Mascarenhas foi o único dos generais consultados que aceitou o comando de umas das planejadas 3 Divisões de Infantaria, a comporem a futura FEB.

Foto 20: Mascarenhas e Mark Clarck durante a solenidade do dia do soldado.

Foto 21: Mascarenhas e Zenóbio no cais de Nápoles, Itália. A tropa que é mostrada na foto ainda usada os uniformes “Zé Carioca” – ver detalhes na exposição do hall de entrada no museu.

Foto 22: Mascarenhas e um Oficial Americano na Itália.

Foto 23: Crittenberg e Mascarenhas vistoriando a tropa, Crittenberg não se dava bem com Mascarenhas, porém ao fim da campanha elogiou as tropas da FEB.

Foto 24: Mascarenhas e Dutra durante a visita deste ultimo ao front, a visita foi cercada de boatos e intrigas sobre a eventual substituição de Mascarenhas e de vários membros do alto comando da FEB. Contrariando prognósticos pessimistas as tropas brasileiras faziam uma campanha exitosa, levando diversos oficiais superiores a ambicionarem para si tais cargos.

Foto 25: Humberto de Alencar Castelo Branco e Mascarenhas durante um café, Na qualidade de oficial comandante da seção de operações (3ª.) do EM da DI ele se tornou mais próximo do Mascarenhas que qualquer um dos seus subordinados, fossem colegas de outras seções, fosse do próprio comandante do EM (Lima Brayner)

Foto 26: Mascarenhas, Governador Bento Munhoz da Rocha, Lima Brayner durante a solenidade de fundação da casa do expedicionário, em 15/11/1951. A casa foi construída graças à organização da LPE e aos seus esforços, bem como extensa participação da sociedade civil, empresas privadas e órgãos públicos na gestão de Machado Lopes.

Foto 27: Regresso da FEB, Mark Clark, Dutra e Mascarenhas. No desfile da chegada da FEB talvez a maior celebração popular jamais vista na história da republica.

Foto 28: Jantar da FEB aonde constam os símbolos da cobra fumando (FEB) e do 5 exercito americano, e entre as bandeiras presentes, podemos destacar a bandeira da Nova Zelândia, URSS, Brasil, Inglaterra, França, Austrália etc..

Foto 29: Delegação do Brasil em Lima, capital do Peru, presidida pelo Marechal Mascarenhas de Moraes, em 30 de julho de 1945, ao regressar da Guerra.

Mascarenhas teve sempre de lutar para preservar seu comando e sua autoridade diante de Dutra, Góes Monteiro e Vargas enquanto estava na Itália. Ao regressar ao Brasil tornou-se alvo de desconfianças – completamente infundadas – de que pretendia colocar o enorme prestígio da FEB a serviço de ambições políticas. Para eliminar essa possibilidade foi-lhe determinado que realizasse extensas viagens ao exterior, afastando-o fisicamente do processo de sucessão presidencial de Vargas.

### **Breve biografia dos militares presentes nas fotos**

#### Mascarenhas de Moraes

Nascido em São Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul, em 13 de novembro de 1883. Praça de 1 de abril de 1899. Em 1922, servia no 1º Regimento de Artilharia Montada, sediada na Vila Militar do Rio de Janeiro, quando eclodiu um levante no Forte de Copacabana, o primeiro de uma série de revoltas tenentistas que ocorreram durante a década de 20. Junto com o seu regimento, manteve-se fiel à legalidade e colaborou no combate aos rebeldes. Em 1924, voltou a combater uma rebelião tenentista, dessa vez na capital paulista. Em 1930, comandava um regimento em Cruz Alta (RS), quando se iniciou o movimento revolucionário que depôs o presidente Washington Luís e levou Getúlio Vargas ao poder. Mais uma vez fiel à legalidade, Mascarenhas de Moraes foi preso pelos revoltosos, sendo libertado somente após o desfecho do movimento. Em 1932, manifestou-se favorável à causa paulista, sendo mantido em prisão domiciliar até que o movimento fosse debelado. Em 1935, servindo na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, deu combate ao levante promovido por setores esquerdistas vinculados à Aliança Nacional Libertadora (ANL). Se tornando General de Divisão em 24 de maio de 1942. Em outubro de 1943, assumiu o comando da Força Expedicionária Brasileira (FEB), criada após a decisão brasileira de enviar tropas à Europa para lutar ao lado dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Presidiu ainda, nesse período, a Comissão Militar Brasileira e, em novembro de 1943, visitou pela primeira vez o teatro de guerra no Mediterrâneo. Em junho de 1944, seguiu para a Itália com os primeiros contingentes militares do Brasil

enviados ao conflito, que entraram em combate a partir de setembro daquele ano. Permaneceu na Europa até o fim da guerra. Foram-lhe concedidas honras de Marechal pela constituição Federal de 16 de setembro de 1946. Em 1953, foi nomeado chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA). Nesse posto, acompanhou de perto a crise política que levaria ao suicídio do presidente Vargas no ano seguinte. Nessa ocasião, conferenciou com o presidente até os momentos que antecederam a sua trágica decisão, transmitindo-lhe informes sobre a situação nos meios militares. Após a morte de Vargas, afastou-se imediatamente da chefia do EMFA. Em 1955, manifestou-se favorável ao golpe militar liderado pelo general Teixeira Lott, que garantiu a posse de Juscelino Kubitschek na presidência da República. Faleceu em 17 de setembro de 1968.

A Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB), instituiu em Sessão do dia 14 de Agosto de 1969 a Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes, cuja finalidade é homenagear de forma permanente, objetiva e condigna, pessoas físicas ou jurídicas que tenham prestado significativos serviços à FEB, ou que venham a prestar relevantes serviços à Associação ou a classe por ela assistida.

Euclides Zenobio da Costa

Nascido em Corumbá, Estado de Mato Grosso do Sul no dia nove de maio de 1893 e falecido no Rio de Janeiro em 1962 foi um militar e político brasileiro. Entre 1915 e 1916, participou da repressão à Revolta do Contestado, conflito que opôs trabalhadores rurais e latifundiários na divisa entre os estados de Santa Catarina e Paraná. Em 1922, combateu o levante tenentista deflagrado na capital federal contra a posse de Artur Bernardes na presidência da República. Dois anos depois, voltaria a enfrentar os "tenentes" no sul do país. Entre 1926 e 1930, exerceu os cargos de chefe de polícia e de comandante da Força Pública do estado do Maranhão. Nessa época, chegou a ocupar por alguns dias o cargo de prefeito de São Luís, a capital do estado. Em 1930, deu um apoio discreto ao movimento político-militar que derrubou o presidente Washington Luís e levou Getúlio Vargas ao poder. Em 1932, posicionou-se ao lado do governo na luta contra o movimento

constitucionalista deflagrado por setores políticos de São Paulo. Em novembro de 1935, deu combate ao levante armado promovido por elementos ligados à Aliança Nacional Libertadora (ANL), frente formada por comunistas, socialistas e outras correntes de esquerda, contra o governo federal. Tornou-se General de Brigada em 1942, em 1943 ingressou como voluntário na Força Expedicionária Brasileira (FEB), enviada pelo Brasil à Itália para participar da Segunda Guerra Mundial. Acabou sendo designado comandante do 1º escalão da FEB, enviado para a Europa em julho de 1944, composto por cerca de 5.800 homens. Sob sua chefia, as forças brasileiras empreenderam as operações que resultaram na tomada de Monte Castelo e outros pontos importantes, depois da guerra desempenhou vários cargos militares e políticos, foi ministro da guerra durante a crise que levou ao suicídio de Getúlio. Em 1955, defendeu a posse de Juscelino Kubitschek na presidência da República, contestada por setores das Forças Armadas. Transferido para a reserva com a patente de marechal em 1957, entre 1958 e 1961 exerceu o cargo de embaixador brasileiro no Paraguai. Foi considerado o idealizador da Polícia do Exército da Força Terrestre inspirado na Polícia do Exército dos EUA com quem teve contato na campanha da Itália.

#### Florianio de Lima Brayner

Nascido na Paraíba em 1897, foi chefe do Estado Maior da FEB, fez um curso de Estado Maior em Leavenworth (EUA), chefiava as outras 4 seções, e como chefe do estado maior da FEB, esteve presente e auxiliando o máximo Mascarenhas e os outros oficiais de alta patente.

Era desafeto de Cordeiro de Farias e de Castelo Branco, chegando a tecer inúmeras críticas aos dois em seus livros publicados pós-guerra (Recordando os Bravos, e A verdade sobre a FEB). Foi promovido no pós-guerra a pedido de Mascarenhas por suas relevantes contribuições a FEB. Foi chefe do Gabinete Militar no governo Nereu Ramos, de 11 de novembro de 1955 a 31 de janeiro de 1956. Entre 1956 e 1958, comandou a 1ª Região Militar, no Rio de Janeiro.

## Humberto de Alencar Castelo Branco

Iniciou a carreira na Escola Militar de Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, ingressa em 1918 na Escola Militar de Realengo, na arma da infantaria, tendo sido declarado aspirante a oficial em 1921, e, designado para o 12º Regimento de Infantaria em Belo Horizonte. Em 1923 alcançou o posto de primeiro tenente, e então foi para a Escola Militar de Realengo como instrutor de infantaria em 1927.

Participou, como muitos outros tenentes de sua época, da Revolução de 1930. Promovido a capitão em 1938, tenente-coronel em 1943, e marechal da reserva ao tomar posse da presidência da República em 1964.

Foi chefe de seção de operações da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial, na Itália, permanecendo durante trezentos dias nos campos de batalha. Na FEB, planejou e implementou manobras militares nos combates na Itália durante a Segunda Guerra Mundial.

Em 1955, ajudou a remodelação administrativa do Exército e apoiou o movimento militar chefiado pelo ministro da Guerra, general Henrique Lott, que garantiu a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek, já naquela época ameaçado de sofrer um golpe de estado pelos militares.

Meses depois, quando organizações sindicais resolveram entregar ao ministro uma espada de ouro, Castelo rompeu duramente com Lott. A imprensa registrou alguns momentos desse desentendimento.

Atuou na Amazônia e era o comandante do IV Exército, (responsável pela segurança do Nordeste do Brasil), na época em que chegou à presidência da república. Foi diretor do ensino da Escola do Estado Maior do Exército.

Nomeado chefe do Estado-Maior do Exército pelo então presidente da República João Goulart, em 1963, Castelo Branco foi um dos líderes militares do Golpe de Estado de abril de 1964, que depôs João Goulart. Castelo Branco foi eleito, pelo Congresso Nacional, presidente da república, no dia 11 de abril de 1964, obtendo 361 votos contra 72 abstenções. O voto mais aplaudido foi do ex-presidente Juscelino Kubitschek. Da deposição de João Goulart em dois de abril de 1964 até a posse de Castelo Branco, permaneceu na

presidência da república, o presidente da Câmara dos Deputados Dr. Ranieri Mazzilli.

Como na sua posse na presidência da república, em 15 de abril de 1964, a Constituição de 1946 continuava em vigor, Castelo Branco foi eleito para terminar o mandato de cinco anos iniciado por Jânio Quadros em 31 de janeiro de 1961. Assim, Castelo Branco deveria governar até 31 de janeiro de 1966. Porém, posteriormente, seu mandato foi prorrogado e foram suspensas as eleições presidenciais diretas previstas para três de 1965.

Seu mandato foi prorrogado, e, Castelo Branco governou até 15 de março de 1967, sendo substituído pelo general Costa e Silva, que fora eleito pelo Congresso Nacional, em três de outubro de 1966.

Durante seu mandato, Castelo Branco aboliu todos os 13 partidos políticos existentes no Brasil, através do Ato Institucional número 2 (AI-2). Foram criados a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que se tornaram os únicos partidos políticos brasileiros até 1979. Durante seu governo, Castelo Branco promoveu várias reformas políticas, econômicas e tributárias.

As medidas aplicadas, não atingiram apenas o poder legislativo, mas também todas as organizações consideradas, pelo governo militar, como "nocivas à pátria, à segurança nacional, e à consolidação do novo regime", que, segundo versão oficial, "pretendia corrigir os males sociais e políticos, combater a corrupção e a subversão", além de impedir que se instaurasse um alegado "regime comunista" no Brasil.

### Cordeiro de Farias

Oswaldo Cordeiro de Farias (Jaguarão, 16 de agosto de 1901 — Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1981) foi um militar, revolucionário e político brasileiro. Foi interventor federal (governador) do Rio Grande do Sul e governador eleito de Pernambuco. Esteve presente em todos os acontecimentos políticos do Brasil a partir de 1922 até 1966, quando se retira da vida pública.

Filho de Joaquim Barbosa Cordeiro de Farias, militar que foi transferido para o Rio Grande do Sul para trabalhar na pacificação da Revolução e que lá

permaneceu por alguns anos. Em 1906 com a transferência de seu pai para o Rio de Janeiro, foi lá matriculado no Colégio Militar, onde realizou todos seus estudos. Sentou praça aos 16 anos na quarta Companhia de Infantaria no Rio. Ingressou na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, em 1918. Participou das conspirações que precederam a deflagração do levante armado de julho de 1922 contra o governo federal, que deu início ao ciclo de revoltas tenentistas. Apesar de não ter participado diretamente dos combates, acabou sendo preso por três meses. Em seguida, foi transferido para Santa Maria, voltando a conspirar contra o governo. Em outubro de 1924, participou do levante tenentista deflagrado em Uruguaiana, logo se juntando aos demais contingentes rebeldes do estado, reunidos sob a liderança de Luís Carlos Prestes. Os rebeldes gaúchos acabariam se retirando para o estado do Paraná, onde se juntaram aos remanescentes do levante deflagrado no mês de julho, em São Paulo. Da unificação desses dois grupos nasceu a Coluna Prestes, exército rebelde que, sob o comando do militar gaúcho que lhe deu o nome promoveu, nos dois anos seguintes, uma guerra de movimento pelo interior do país contra as tropas fiéis ao governo federal. Cordeiro de Farias teve atuação destacada na Coluna, comandando um dos quatro destacamentos que a compunham.

Em fevereiro de 1927, já desgastados pela longa campanha e sem perspectivas de vitória, os líderes da Coluna resolveram encerrar aquela fase da luta e abandonaram o território brasileiro, internando-se na Bolívia. No ano seguinte Cordeiro retornou ao Brasil clandestinamente e deu prosseguimento às atividades conspiratórias, tendo sido, então, preso. Julgado e absolvido, retornou ao Exército sem deixar, contudo, de conspirar contra o governo.

Em 1930, participou do movimento revolucionário que depôs o presidente Washington Luís e impediu a posse do novo presidente eleito, Júlio Prestes. Integrou, nessa ocasião, o comando da insurreição em Minas Gerais. Com a vitória do movimento e a posse do novo governo liderado por Getúlio Vargas foi lotado no gabinete do ministro da Guerra, general Leite de Castro. Em maio de 1931, foi transferido para São Paulo, assumindo a chefia de polícia daquele estado. Permaneceu no cargo até junho do ano seguinte, um mês antes da deflagração do movimento constitucionalista pelas forças políticas tradicionais de São Paulo, que exigiam a reconstitucionalização do país e a

recuperação da autonomia estadual, com o afastamento dos tenentes que vinham exercendo influência na política paulista. Colaborou no combate à insurreição e, no ano seguinte, voltou a ocupar a chefia de polícia do estado.

Em 1935, de volta ao Rio de Janeiro, deu combate ao levante militar deflagrado por elementos de esquerda ligados à Aliança Nacional Libertadora (ANL). No ano seguinte concluiu o curso da Escola de Estado-Maior do Exército. Em 1937 foi transferido para o Rio Grande do Sul, onde assumiu a chefia do estado-maior da 3ª Região Militar (3ª RM), sediada em Porto Alegre, sob o comando do general Daltro Filho. Participou da campanha movida por Vargas para afastar o governador Flores da Cunha, que acabou sendo substituído pelo comandante da 3ª RM. Após a morte de Daltro Filho no início do ano seguinte, Vargas nomeou Cordeiro de Farias como interventor federal no Rio Grande do Sul.

Em 1942, chegou ao generalato. Em setembro do ano seguinte, deixou a interventoria gaúcha para integrar-se na Força Expedicionária Brasileira (FEB). Em setembro de 1944, viajou para a Itália, onde participou das principais batalhas em que a FEB esteve envolvida na Segunda Guerra Mundial. De volta ao Brasil em 1945, voltou a participar de articulações políticas, tendo seu nome chegado cogitado como candidato a presidente da República. Em outubro daquele ano participou do golpe militar que afastou Vargas do poder e extinguiu o Estado Novo. Em 1949 foi nomeado comandante da recém-criada Escola Superior de Guerra. Em maio de 1950 foi derrotado nas eleições para a diretoria do Clube Militar, em disputa marcada por forte conteúdo ideológico. Cordeiro representava a corrente que defendia a participação do capital estrangeiro na exploração do petróleo brasileiro, enquanto que a chapa vitoriosa, liderada por Newton Estillac Leal, representava os setores nacionalistas das Forças Armadas. Deixou a Escola superior de guerra em agosto de 1952 para assumir o comando da Zona Militar Norte, sediada em Recife. Em 1954 elegeu-se governador de Pernambuco, numa coligação envolvendo o Partido Social Democrático, o Partido Libertador e o Partido Democrata Cristão, ocupando o cargo entre 1955 e 1958.

Em 1961 foi nomeado chefe do Estado-Maior das Forças Armadas pelo presidente Jânio Quadros. Com a renúncia de Jânio, envolveu-se ativamente na conspiração contra o novo presidente, João Goulart. Novamente foi cogitado



para presidente, o que não se concretizou uma vez que era considerado “político demais” por alguns setores do exército. No Governo de Castelo Branco, assumiu o Ministério Extraordinário para a Coordenação dos Organismos Regionais, depois transformado em Ministério do Interior. Desempenhou essa função até junho de 1966, quando se retirou da vida pública. Assumiu, então, a direção executiva do grupo empresarial pernambucano João Santos.

### Machado Lopes

José Machado Lopes nasceu em 1900 no Rio de Janeiro, filho de um comerciante e de uma professora, ingressou aos 13 anos no Colégio Militar do Rio de Janeiro, depois cursou a Escola Militar do Realengo onde se especializou em engenharia. Era contemporâneo e amigo do General Góes Monteiro e do marechal Humberto de Alencar Castelo Branco.

Ele não era um oficial da linha conservadora, constata o trabalho. “Parte dos oficiais ficava em uma posição neutra, mais fiel à disciplina militar, à legalidade e à ordem. Parece ter sido este o caso de Machado Lopes, um soldado mais afeito à caserna e que pouco protagonizou disputas políticas, salvo para, como dizia ele, combater os extremismos de esquerda e de direita. Recebeu punição – considerada injusta – com a transferência para a 5ª Região Militar (Curitiba) por ser tomado como participante do levante tenentista de cinco de julho de 1922, ao qual, na verdade, se opusera.” Esta injustiça cristalizou dentro dele a devoção total à disciplina e à legalidade, acrescenta, com base em informações de Amir Labaki. Em 1935, quando cursava a Escola do Estado-Maior do Exército no Rio de Janeiro, Lopes combateu armado, a Intentona Comunista.

Ainda fez parte da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na II Guerra Mundial, comandou a engenharia de combate como coronel e participou do ataque dos aliados, em fevereiro de 1945, a Monte Castelo na Itália. Em 1946 foi enviado pelo presidente Gaspar Dutra ao Ceará como interventor federal para organizar as eleições, onde ficou até 1947. Foi também adido militar nos EUA em 1955 e, logo após, comandante militar da 7ª Divisão de Infantaria em Recife. De certa forma, parte da trajetória do general Lopes estava ligada à

defesa da legalidade e da democracia, particularmente a de tipo republicana e liberal.

Em junho de 1961, assumiu o Comando do III Exército, atualmente Comando Militar do Sul (CMS), que abrange Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Com 61 anos, o general José Machado Lopes havia assumido o comando do III Exército havia pouco tempo. Chegara sozinho, sem a família, e apesar de em tempos passados ter comandado uma unidade no interior do Estado, conhecia pouco sobre o Rio Grande do Sul de 1961, suas unidades militares e seus comandantes.

Em 25 de agosto daquele ano, Jânio Quadros, então presidente, renuncia ao cargo. Os ministros militares Odílio Denys, da Guerra, Gabriel Grun Moss, da Aeronáutica, e Sílvio Heck, da Marinha, tentam impedir a posse do vice-presidente, João Goulart. Machado Lopes inicialmente se mantém fiel à hierarquia militar, mas acaba aderindo à Campanha da Legalidade, comandada por Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, após ordem do comando militar para bombardear o Palácio Piratini e silenciar a Rede da Legalidade.

Com a posse de Jango, foi convidado para o Ministério da Guerra, mas não aceitou o cargo. Em setembro de 1964 foi para a reserva como marechal, aposentando-se em 1969.

## Vernon Walters

Vernon A. Walters (03 de janeiro de 1917 - 10 de fevereiro de 2002) foi um oficial do Exército dos Estados Unidos e um diplomata. Mais notavelmente, ele atuou de 1972-1976 como Vice-Diretor da Central de Inteligência, 1985-1989 como o embaixador dos Estados Unidos, nas Nações Unidas e de 1989 a 1991, como Embaixador da República Federal da Alemanha durante a fase decisiva da reunificação alemã. Walters subiu para o posto de tenente-general do Exército dos EUA e é membro da Inteligência Militar Hall da fama.

Walters nasceu em Nova York. Seu pai era um imigrante britânico e vendedor de seguros. A partir dos 6 anos de idade, Walters viveu na Inglaterra e na França com sua família. Aos 16, ele retornou aos Estados Unidos e trabalhou para seu pai na empresa de seguros.

Sua educação formal além da escola primária consistia inteiramente de instrução colégio em Stonyhurst College, escola jesuíta em Lancashire, Inglaterra. Ele não frequentou uma universidade. Ele era fluente em francês, italiano, espanhol, português, bem como o seu idioma nativo o Inglês. Ele também falou alemão fluentemente, mas, como ele brincou, sabia o básico de vários outros idiomas de forma imprecisa. Sua tradução simultânea de um discurso do presidente dos Estados Unidos Richard Nixon na França levou o presidente francês Charles de Gaulle a dizer a Nixon, "Você fez um discurso magnífico, mas seu intérprete, era eloquente."

Walters se juntou ao Exército em 1941. Ele serviu na África e Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Ele serviu como ligação oficial entre os comandos da Força Expedicionária Brasileira e Quinto Exército dos EUA. 19 anos depois da guerra, em março de 1964 cooperou ativamente com as articulações que levaram à deposição de Goulart. No dia 23 comunicou ao embaixador Lincoln Gordon que o general Castelo Branco, chefe do Estado-Maior do Exército, assumira a liderança da conspiração contra o governo. Deflagrado o movimento contra Goulart, no dia 31 o governo norte-americano enviou o porta-aviões Forrestal e destroieres de apoio em direção às águas brasileiras. Ainda no dia 31, Walters foi informado de que o general Amauri Kruel comandante do II Exército, sediado em São Paulo, decidira apoiar os golpistas. Com a queda de Goulart, o apoio militar ostensivo dos EUA tornou-se desnecessário. Walters permaneceu como adido militar no Brasil até 1967, devido à sua longa experiência em assuntos políticos do país e sua amizade com vários dos novos governantes, inclusive o presidente Castelo Branco.

### Crittenberger

Willis Dale Crittenberger era um oficial do Exército dos Estados Unidos, foi comandante do IV Corpo de Exército (Estados Unidos) durante a última parte da campanha italiana de 1944 até o fim da guerra.

Em 1943 o comandante das Forças do Exército dos EUA na Europa, o general Jacob L. Devers, estava à procura de um comandante para o IV Corpo do Quinto Exército dos Estados Unidos para a campanha italiana.

Tendo em suas fileiras além de americanos, brasileiros e sul-africanos, o IV Corpo estiveram em combate por mais de 390 dias, 326 de combate contínuo, o IV Corpo foi o braço ocidental do esforço dos Aliados na Itália do norte do rio Pó , que terminou com a rendição das forças alemãs na Itália, em 02 de maio de 1945.

Sua relação com a FEB não era nada amistosa, a principio ele não se dava bem com Mascarenhas, chegando a criticar veementemente as tropas Brasileiras devido á sua inexperiência em combate real.

Mark Clarck

Mark Clark (1 de maio de 1896 - 17 de abril de 1984) foi um general americano na Segunda Guerra Mundial e na Guerra da Coréia, e era o tenente-general mais jovem do Exército dos EUA. Ele teve uma carreira distinta na II Guerra Mundial , sua melhor campanha foi a Operação Tocha (a invasão da África do Norte Francesa) e a campanha na Itália.

Durante a II Guerra Mundial , ele foi o comandante das forças aliadas na Itália. Ele é conhecido por ter ordenado a destruição da abadia de Monte Cassino e sua posterior entrada em Roma em 1944, ignorando as ordens, a ação que permitiu a fuga do 10<sup>o</sup> exército alemão, que se juntou a seus compatriotas na linha de Transimene. Clark tornou-se o mais jovem americano a ser promovido a general em 1945.

Sua relação com a FEB era muito amistosa, foi compreensivo com a inexperiência das tropas Brasileiras, depositou grande confiança no trabalho da FEB.

## **FAB e Guerra Aérea**

Lana Beatriz Baroni<sup>30</sup>

No início do século XX, a aviação militar no Brasil, assim como no modelo estadunidense, se dividia entre as forças terrestres e navais. Em 1941, com a intenção de centralizar esforços, as forças aéreas foram reunidas em um

---

<sup>30</sup> Estudante do Curso de Graduação em História (Diurno). E-mail: lanabeatrice@gmail.com

só grupo chamado Forças Aéreas Nacionais. Alguns meses mais tarde, o nome foi trocado e assim nasceu a Força Aérea Brasileira (FAB). Com essa junção, o número de aviões que compunham a força aérea aumentou, porém, todos eles já estavam em estado tecnológico ultrapassado em comparação com os modelos europeus e americanos e eram, além disso, de modelos muito diversos de modo a dificultar a manutenção e a exigir pilotos diferentemente especializados para cada modelo. A respeito disso, a primeira tarefa do Ministério da Aeronáutica, também criado em 1941, foi a de organizar e facilitar a identificação dos aviões e, com relação aos atrasos tecnológicos dos modelos brasileiros e a falta de treinamento aeronáutico, foi feito um acordo com os Estados Unidos com base em empréstimos que o país estava oferecendo para os países em guerra como os britânicos e no qual o Brasil acabou sendo incluído. Dessa forma o Brasil recebeu mais de 1000 aeronaves americanas modernas e seus pilotos um treinamento com a Força Aérea do Exército americano.<sup>31</sup>

Os pilotos treinados nos Estados Unidos, tinham como primeira tarefa, ao retornar para casa, auxiliar no treinamento de aviadores no Brasil. Porém, no início da década de 40, alemães passaram a atacar e afundar navios brasileiros com submarinos, deixando diversos mortos e feridos. Foram estabelecidas contra-medidas como patrulha da costa por aviões, instalação de radares e armas melhores, captação e decifração de códigos inimigos, etc. Essas medidas permitiram que os aviões brasileiros destruíssem um submarino alemão evitando certos danos porém, foram medidas de êxito relativo considerando o grande número de ataques que navios ainda sofreram e o fato de os torpedeamentos não cessarem após essas mudanças.

Além do desempenho aéreo em território nacional, os aviões foram usados efetivamente para ataques ao solo italiano, tendo sido enviadas para a Itália duas unidades aéreas da FAB, o 1º Grupo de Aviação de Caça, o Senta a Pua!, e a Primeira Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO), sendo todos os pilotos de caça voluntários. No caso da atuação da FAB na Itália, diferentemente das missões no Brasil, os aviões tiveram como missão designada unicamente bombardeios de solo e não combates aéreos com

---

<sup>31</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Força\\_Aérea\\_Brasileira](http://pt.wikipedia.org/wiki/Força_Aérea_Brasileira)

outras aeronaves. É preciso dizer, que essa missão de bombardeio dada aos brasileiros, pela irregularidade do solo italiano, era extremamente difícil, exigindo uma grande habilidade dos pilotos. Além disso, esse tipo de missão é de elevada dificuldade pela presença de armas antiaéreas que fazem ataques constantes aos aviões, redobrando a necessidade de atenção e o perigo para os pilotos. Para dificultar a questão, ao contrário do 1º Grupo de Aviação de Caça que recebera treinamento básico dos norte americanos, a ELO recebeu treinamento em solo nacional e em aviões diferentes do que usaria na Itália, ou seja, a familiaridade com os aviões usados para combate era pouca exigindo uma adaptação quase imediata ao combate.<sup>32</sup>

A sala Alberto Torres, que contém material sobre a FAB e a Guerra Aérea, dá um grande enfoque no 1º Grupo de Aviação de Caça, o chamado “Senta a púa!”<sup>33</sup>, que atuou na Itália nos de 1944 e 1945. Sobre este grupo existem vários itens expostos, entre eles estão uma bandeira do grupo, fotos dos pilotos inclusive fazendo refeição em sua cantina, uma ilustração dos caças P-47 Thunderbolt e do Messerschmitt Bf-109, utilizados na guerra, com alguns detalhes técnicos e um quadro com o Coronel Nero Moura, comandante do grupo. Além disso, há dois uniformes que mostram a vinculação dos pilotos nascidos em Curitiba, Pierre Clostermann e Theobaldo A. Kopp, que atuaram ao lado de franceses e britânicos, respectivamente, por serem de tais origens.

É curioso que seja omitida a participação de brasileiros na aeronáutica alemã, a Luftwaffe, como é o caso do também curitibano Egon Albrecht. É interessante, a respeito desta informação, vincularmos esse fato ao da população curitibana ser em boa medida composta por descendentes de países europeus que estavam envolvidos na guerra, justificando a presença destes pilotos em exércitos estrangeiros. Há também fotos de oficiais ligados ao Exército dos Estados Unidos (U.S. Army) ao qual o “Senta a púa!” era vinculado. Há ainda muitas miniaturas de aviões ocupando inclusive a sala ao lado e uma referência ao boeing B-29, empregado no ataque atômico a cidade japonesa de Hiroshima, conhecido como Enola Gay.

---

<sup>32</sup> BONALUME NETO, Ricardo. **Nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate** (1942-45). Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1995 pp. 87- 117

<sup>33</sup> **Senta a Púa!**, Erik de Castro, Brasil, BSB Cinema/Riofilme, 1999

Além da falta de legendas para diversos elementos da sala da FAB, as miniaturas se encontram em proporções diferentes, impossibilitando uma comparação realista entre os aviões utilizados, e há uma mistura de aviões usados por brasileiros com usados por outros países. Igualmente preocupante é o tamanho diminuto da sala e o pouco enfoque dado a esta vertente das forças militares brasileiras, considerando seu bom preparo e desempenho na guerra. Poderia também constar informações sobre a criação da FAB, não apenas citar o piloto Alberto Torres. A disposição e composição da sala não permite que se desenvolva muito o tema da aeronáutica brasileira e seu desempenho na Segunda Guerra Mundial, quando seria relevante abordar temas relacionados à FAB que não possuem nenhum registro nesta sala. Podemos ressaltar ainda o fato de informações sobre a aeronáutica estarem dispersas pelo segundo andar do prédio como perto da escada e na sala ao lado em forma de quadros e itens de ex-combatentes, ficando sem ligação, enfoque ou contextualização.

### **Sala de Transportes, Armas Aliadas e Comunicações da FEB**

Victor Reis Chaves Alvim<sup>34</sup>

Não existe guerra sem logística e não há logística sem transportes ou comunicações. Tendo este pensamento em mente, podemos entender a importância desempenhada pelos serviços logísticos de transporte de pessoal e pelas diferentes formas de comunicação para o êxito da campanha na FEB Itália durante a Segunda Guerra Mundial.

Por conta de sua enorme importância, tais serviços deveriam estar sempre bem dispostos, bem conservados materialmente, e deveriam ter a maior eficiência possível. Para que isso acontecesse, se fez necessária a adaptação da Força Expedicionária Brasileira ao padrão militar americano, abandonando assim, o até então adotado sistema francês. Também era necessária a existência de bons navios de guerra e armas modernas para se chegar até a Europa e também combater adequadamente no teatro de

---

<sup>34</sup> Estudante do Curso de Graduação em História da UFPR. E-mail: victor.reis.c.a@gmail.com

operações, isto é, na Itália; e isso o Brasil não pôde prover, cabendo então aos EUA todo o transporte e escolta até Nápoles, bem como o transporte de Nápoles à Livorno, até a linha de frente.

O material disponível na sala compreende armamentos como alguns exemplos de metralhadoras utilizadas pela Força Expedicionária Brasileira na campanha italiana, armas estas compradas antes da Segunda Guerra Mundial. Apresentando da mais fraca para a mais forte a partir da esquerda para a direita temos:

- Madsen 1934: alimentada por carregadores de 25, 30 ou 40 cartuchos, pode disparar 450 tiros por minuto, sua ação é de recuo/retrocesso do cano. Fabricada pela dinamarquesa Dansk Rekyl Riffel Syndikat A/S. Foi adotada em outros 34 países;
- Hotchkiss M 1922: Alimentada por carregador em lâmina reta com capacidade para 15-24-30 balas, sistema de disparo operado a gás, 450 disparos por minuto. Produzida pela francesa Hotchkiss et Cie.
- Hotchkiss M 1909: Alimenta por carregador em lâmina reta com capacidade para 30 balas, cartucho .30, ação operada à gás, 400 disparos por minuto. Também produzida pela Hotchkiss et Cie em associação com o exército americano. Apresentava problemas para disparo de projéteis pontiagudos.
- Hotchkiss M 1914: Alimentada por uma cinta metálica, mais pesada que a M 1909, ação a gás, 500 disparos por minuto. Também produzida pela francesa Hotchkiss et Cie.
- Marlin 30: calibre .30, com capacidade para 650 disparos por minuto. Produzida pela americana Marlin Firearms.
- Breda 1930: Alimentada por 5 cartuchos em 4 grampos com capacidade para 20 balas, pode disparar 800 balas por minuto, ação blowback (retrocesso de massa). Produzida pela italiana Breda Meccanica Bresciana.
- Châtellerault FM 1924-29: Alimentada por carregador com 25 cartuchos, ação a gás, com capacidade de disparo de 450 tiros por minuto. Fabricada pela empresa estatal francesa Manufacture d'Armes de St. Etienne.
- Lewis: Alimentada por um carregador em tambor com 47 ou 97 cartuchos, ação a gás, com capacidade de 550 disparos por minuto, bom sistema de refrigeração, calibre .30. Fabricada pela americana Savage Arms e pela britânica Birmingham Small Arms Company.
- Breda SAFAT: Alimentada por uma cinta de 500 cartuchos, tem capacidade de disparo de 800 a 900 projéteis por minuto a 720m/s. Fabricada pela italiana Breda Meccanica Bresciana.

A partir do exame dessa rara e valiosa coleção de armas percebem-se importantes aspectos do contexto mundial e nacional imediatamente anterior a eclosão da Segunda Guerra Mundial, passíveis de serem explorados numa



abordagem multidisciplinar. Como exemplo pode-se apontar a História, tendo como tema a dependência do Brasil de fontes estrangeiras para fornecimento de armas (EUA, França, Itália, Dinamarca, etc.). O ensino da física e da química pode tomar como problema as diferentes tecnologias de automatização das armas, com seus distintos custos e implicações (recuo do cano, operação a gás, etc.). A matemática e a física, através do estudo da inércia e da balística, pode prover explicações importantes sobre o desempenho de cada uma (cadência de tiro, trajetória, alcance, etc.), e assim por diante. Estes são alguns dos temas de ensino e pesquisa que podem ser suscitados com os estudantes em vista a este acervo.

Outra coleção de objetos presentes nessa sala dizem respeito ao Transporte Naval. O museu apresenta fotos do embarque do primeiro escalão da FEB no Rio de Janeiro em 29 de Junho de 1944, bem com de aspectos da viagem que durou 13 dias, a bordo dos navios norte-americanos USS Mann e do USS General Meigs. Nas fotos pode-se observar um dirigível militar americano, utilizado para observação e busca de submarinos e navios das forças do Eixo, especialmente alemães. Há ainda fotos do dia 16 de Julho de 1944, dia em que a FEB desembarcou em Nápoles na Itália.

O acervo conta também com fotos das lanchas LCI (Land Craft Infantry) americanas, que levaram os brasileiros do segundo escalão da FEB, que desembarcou na Itália em outubro de 1944, de Nápoles até Livorno.

Outra coleção de objetos expostos na sala diz respeito as Comunicações. O museu dispõe de aparelhagem de comunicação; telégrafos, telefones de campanha, rádios, rolos de cabos telefônicos, aparelhos fixos de rádio e telefonia, entre outros. Alguns modelos encontrados em exposição no museu são:

- Vibroplex HAnson – telégrafo
- VP RT 196 / PRC-6 – rádio receptor e transmissor de baixa frequência
- FMT (FM 143) – maleta telefônica de campanha
- ERC mod. BXD .60 – rádio frequência
- RPT-201 PC – com instruções de reparo de linha

As posições de vigilância e defesa imediata na linha de frente eram garantidas de telefones, em ligação com o comando do Pelotão a que se subordinavam. Quando em avançavam, os comandantes de pelotões levavam

rádios-portáteis que os ligavam ao comando de suas companhias. Esses postos de comando avançados dispunham de rádios de mesa, que os ligavam ao comando do regimento respectivo e mesmo da Divisão. Embora modernos, tais aparelhos apresentavam inúmeras limitações: baterias falíveis, obstáculos naturais e condições de tempo desfavoráveis à propagação das ondas radioelétricas, antenas e fiação de telefones extremamente vulneráveis à danos impostos pelo inimigo, etc.

Além da História o exame desta coleção de objetos suscita diversas questões ligadas a evolução da tecnologia das comunicações, tema de disciplinas tão diversas como Física, Geografia, Física e Matemática. O estudo da evolução e usos do espectro de frequências radioelétricas, até a universalização contemporânea de aparelhos celulares, pode ser de interesse para estudantes de diferentes disciplinas.

Ainda no que diz respeito aos objetos expostos cabe notar a importante coleção de roupas e bagagens. Na sala, o museu expõe os uniformes dos praças (sargentos e inferiores) e dos oficiais (tenentes e superiores), de fabricação brasileira, onde é interessante notar a tonalidade de verde muito semelhante à utilizada no exército alemão e mesmo nas tropas do Partido Nazista. Há também sacos de viagem dos soldados febianos: o Saco A que era levado para a linha de frente contendo utensílios de necessidade diária; e o saco B, o que ficava nas posições longe da linha de frente e era usado para carregar coisas como toalhas e lençóis; e, finalmente um saco C, destinado para cobertores e roupa de cama.

A designação oficial destes sacos acabou por se tornar referência para a situação dos militares em relação ao serviço na linha-de-frente. No front o soldado só conservava o seu saco A. Desta maneira, os verdadeiros combatentes, aqueles que de fato se expuseram ao fogo inimigo e travaram combates eram conhecidos – e também reconheciam a si próprios como “Saco A”. Os indivíduos que exerciam funções de apoio, burocrático ou administrativo, e que jamais se expunham aos perigos do combate eram conhecidos (e repudiavam essa associação) como “Saco B”. A distinção entre esses grupos é fundamental para compreensão dos fundamentos da História da FEB na Campanha da Itália.

Finalmente, existe uma vasta coleção de plastimodelos. A sala dispõe de inúmeros aviões em miniatura, tanto dos Aliados como do Eixo. Ela se associa neste aspecto com a sala seguinte, que trata de fato da FAB (Força Aérea Brasileira) na Segunda Guerra Mundial.

Para encerrar essa parte ficam algumas sugestões de como abordar os conteúdos sugeridos ou explicitados pelo acervo exposto da sala com o que propõem os PNCs do MEC, e uma crítica. Através das fotos disponíveis e materiais como capacetes, armas, uniformes, cartas, equipamentos técnicos, etc. podem ser trabalhados com referência a uma análise do contexto no qual estavam inseridos. É possível e praticável uma abordagem educativa de exposição de documentos históricos, além de ajudar o aluno de ensino fundamental e médio a enxergar os agentes do passado como pessoas de carne e osso tal como eles próprios. Por outro lado, a parte negativa se dá pelo fato de o museu ainda necessitar de elementos pertinentes à FEB e à FAB na campanha aliada na Itália. No que corresponde à sala de transportes, o museu carece explicar, por exemplo, sobre como foi o transporte de membros das Forças Aéreas até a Europa.

### **Petrechos Pesados**

Simone Souza Guaselle<sup>35</sup>

As ações de combate da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália eram realizadas principalmente por sua infantaria, que ficava na linha de frente com armamentos relativamente leves, como o fuzil Springfield (modelo 1903), fornecido como arma-padrão pelos órgãos de abastecimentos dos EUA. Todo armamento empregado pela FEB era de origem norte-americana.

Isto ocorria devido aos terrenos acidentados, que impediam uma maior movimentação dos carros de combate e armamentos de maior calibre, como os utilizados pela artilharia e pela Companhia de Petrechos Pesados. A guerra travada na Itália foi uma guerra em meio às montanhas, na qual as infantarias eram os órgãos combatentes em ambos os lados. Em decorrência desse fato

---

<sup>35</sup> Estudante do Curso de Graduação em História da UFPR (Diurno). E-mail: simoneguaselle@yahoo.com.br

recaiu sobre os seus combatentes a maior parte das baixas. Segundo o general João Batista Mascarenhas de Moraes, 97% dos mortos e feridos da FEB, entre 16 de setembro e 31 de dezembro de 1944, eram da infantaria.<sup>36</sup>

Para aqueles que atuaram bem longe do front, há quem diga que – por exemplo - ficar na artilharia era monótono, como fez o jornalista, que esteve na Campanha da Itália, Rubem Braga: “ficar meses em uma barraca, a vida girando em torno de um canhão e dois telefones - esta é a rude disciplina do artilheiro [...], a monotonia é sem remédio - e mesmo o canhoneio inimigo que se repete sobre o mesmo ponto acaba monótono para suas possíveis vítimas”.<sup>37</sup> Entretanto, a opinião de um artilheiro, pode ser bem diferente, o Coronel Heitor Borges Fortes, na época da Segunda Guerra ainda Major no III Grupo 105, escreve em sua obra *A artilharia Divisionária da 1ª divisão de Infantaria Expedicionária na Campanha da Itália*, que a artilharia tinha: “trabalho contínuo, que se intensificava ao cair da noite, pois os planos de fogos eram ajustados à pronta intervenção em caso de ser necessário cobrir o avanço de nossas patrulhas ou seu retraimento, coisa que freqüentemente ocorria”.<sup>38</sup>

A artilharia brasileira desempenhou um importante papel ao dar cobertura para o avanço da infantaria, com canhões e obuses, estes de 105 mm e 155 mm, posicionados muito atrás à frente de combate. A destruição de casamatas, a interrupção do movimento e do fogo inimigo, a cobertura com granadas de fumaça e etc. eram algumas das atividades que desenvolvia. A ligação por rádio portátil com um observador avançado, isto é, um militar (geralmente pertencente à artilharia) que acompanhava a progressão da tropa, permitia a correção do fogo dos canhões sobre o inimigo em tempo real à medida em que alvos eram descobertos e identificados pela infantaria.

O Museu do Expedicionário possui amostras de munições utilizadas pela artilharia, armas que nos foram também distribuídas pelos norte-americanos. Para operar estas máquinas eram necessários 5 homens: um trazia a munição, outros dois carregavam o canhão, um quarto fazia a mira, e um quinto soldado

---

<sup>36</sup> BONALUME NETO, Ricardo. **A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate (1942-45)**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995, p. 166.

<sup>37</sup> BRAGA, Rubem. **Crônicas da Guerra (com a FEB na Itália)**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964, p. 178.

<sup>38</sup> FORTES, Cel. Heitor Borges. **A artilharia Divisionária da 1ª divisão de Infantaria Expedicionária na Campanha da Itália**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1962, p. 28.

disparava a arma. Contudo, para que a arma fosse disparada era necessário receber ordens por telefone de um observador avançado, que tanto podia estar no solo quanto embarcado em uma aeronave leve de observação. Também se fazia fogo por estimativa, através de informações obtidas pela consulta aos mapeamentos, sempre realizados e atualizados tanto por aeronaves, quanto por observadores no solo. As granadas destruíam, além de alvos militares, casas, estradas, pontes e seus estilhaços foram responsáveis pela maioria das mortes e ferimentos de infantes.<sup>39</sup> Juntamente com os estilhaços de morteiros, constituíam-se nas armas mais terríveis, pois em função da trajetória parabólica dos seus projéteis, acertavam os abrigos subterrâneos dos combatentes, os chamados *fox-holes*, ao mesmo tempo em que mantinham suas guarnições a salvo, ocultas do lado oposto das elevações que dividiam os lados em confronto. Os morteiros 60 mm e 81 mm pertenciam à Companhia de Petrechos Pesados brasileira, que ficava na linha de frente no campo de batalha, ao contrário da artilharia.

A FEB era uma Divisão de Infantaria, comandada pelo general João Batista Mascarenhas de Moraes, subordinada ao 5º Exército Americano, comandado pelo general Mark Clark. A divisão era composta por 3 regimentos com 3.256 homens, que por sua vez dividiam-se em 3 batalhões com 871 homens. Cada batalhão era dividido em três companhias com 193 integrantes e uma Companhia de Petrechos Pesados com 166 homens, comandados por capitães.<sup>40</sup>

A Companhia de Petrechos Pesados possuía além dos morteiros, as *bazoocas* e as metralhadoras Browning .30 (modelo 1917) e Browning .50. Estas metralhadoras ajudariam os soldados brasileiros frente às superiores MG 34 (Maschinengewehr - 1934) e MG 42 (Maschinengewehr - 1942) alemãs, as apelidadas “Lurdinhas”. Tais armas tanto faziam fogo sobre alvos imediatamente visíveis quanto sobre áreas distantes, mas nas quais se suspeitava ou sabia-se haver a presença de elementos inimigos. Estas tinham a vantagem da possível troca do cano, quando estivesse aquecido em função da quantidade enorme de disparos por minuto. As metralhadoras alemãs

---

<sup>39</sup> Tabela com número de feridos em combate por armas e serviços. In: CASTELLO BRANCO, Ten. Cel. Manoel Thomaz. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960, p. 319.

<sup>40</sup> BONALUME NETO, Ricardo. Op. Cit., p. 135.

tinham o dobro da cadência de tiros por minutos emitidos pela Browning .30 e .50. Pior ainda, as armas americanas, ao contrário das alemãs, não possuíam dispositivo para a troca do cano<sup>41</sup>, levando a sucessivas interrupções do apoio de fogo de metralhadora nos intervalos frequentes, para esfriamento do cano. Cabe, finalmente, mencionar o número muito superior de armas desse tipo em relação ao exército dos EUA. Tais fatos se tornam de particular interesse para o entendimento das implicações da luta travada pelos brasileiros nas montanhas da Itália. Afinal de contas, das metralhadoras sempre era requerido um fogo contínuo que tanto destruísse quanto imobilizasse qualquer movimento do inimigo.

A sala do museu, que contém vários destes armamentos pesados, ainda, possui um quadro com propagandas tanto alemãs, quanto americanas, que visavam à provocar a rendição do inimigo. Estes panfletos eram jogados aos inimigos na linha de frente, para que desistissem da luta. A guerra não foi feita só de destruição física, havia a intenção de abalar psicologicamente a tropa inimiga. Algumas propagandas procuravam repudiar a “americanização” do Brasil, alegando que os Estados Unidos estavam se apossando de nossas riquezas, materiais e culturais, e que os brasileiros não estariam lutando por uma causa verdadeiramente relevante à nação. O fato é que com o andar da guerra Getúlio Vargas, mesmo frente a uma ditadura, optou por apoiar os americanos, que já o cortejavam com a “Política da Boa Vizinhança” de Roosevelt. A princípio alguns oficiais militares brasileiros chegaram a ver na Alemanha um melhor parceiro, mas com a progressiva derrocada alemã “não demorariam muito a se converter à americanização”.<sup>42</sup> A despeito de toda esta rede de informações, deve-se ressaltar que muitos dos brasileiros que foram combater na Itália, sequer sabiam o porquê estavam ali.<sup>43</sup>

Junto às munições da artilharia, há, ainda, os espólios da rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã, que ocorreu no dia 29 de abril de 1945 em Collecchio - Fornovo di Taro. A FEB contava com quatro grupos de artilharia, conhecidos pelos nomes de seus comandantes. O Grupo Souza Carvalho, um dos três que operava obuses 105 mm, apoiou o 1º Batalhão do 6º Regimento

---

<sup>41</sup> Idem, p. 192.

<sup>42</sup> TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 19- 25.

<sup>43</sup> BONALUME NETO, Ricardo. Op. Cit., p. 128.

de Infantaria brasileira nesta conquista. Foram rendidos “cerca de 16.000 homens, 4000 animais e 2500 viaturas [...] aproximadamente 800 feridos aguardavam socorros urgentes” na última rajada de artilharia brasileira na Itália.<sup>44</sup>

Por fim, há uma foto na saída da sala em que um soldado está escrevendo uma carta. As cartas enviadas, mas principalmente as recebidas pelos combatentes eram muito importantes, pois desta forma conseguiam se desvencilhar por um instante daquele contexto rude e de alguma forma ter contato com as pessoas que amavam. “Chegou correio” era “uma frase que mobilizava mais gente que qualquer ordem de general”, desta forma: “a cara do sujeito que não recebe carta [...] é uma cara de náufrago. O sujeito se sente abandonado numa ilha deserta - e nunca faltam outros sujeitos que, sem ligar para a sua amargura, ainda vêm lhe mostrar fotografias que receberam ou ler trechos de cartas que acham muito engraçadas ou comoventes- e que não comovem nem fazem rir de modo nenhum o pobre esquecido”.<sup>45</sup> As cartas, no entanto, demoravam cerca de um mês para chegar à Itália. Já o telegrama demorava um pouco menos. Este tinha 124 frases fixas, e cada frase possuía um número correspondente, sendo que o soldado podia mandar 3 números por telegrama. Tinha-se certo trabalho para decodificar a mensagem numérica, além do risco de errar os números ao escrever.<sup>46</sup> A medida não visava propriamente à economia de meios. Era fundamentalmente uma maneira de agilizar a leitura de ditado de cartas por parte dos combatentes brasileiros não-alfabetizados.

A análise do acervo a partir da visita ao museu amplia a bagagem cultural dos alunos, de modo que possam avaliar o contexto da participação da FEB na Segunda Guerra Mundial. Podendo-se ir além do que foi possível expor no local, pensando, por exemplo, em que condições os convocados da FEB foram para a Itália, e, se conseguiram voltar ao Brasil, como a guerra deve ter afetado estas pessoas.

---

<sup>44</sup> Autoria desconhecida. **Rendição alemã**. Disponível em: <http://www.anvfeb.com.br/>. Acesso em: 11/08/ 2011.

<sup>45</sup> BRAGA, Rubem. Op. Cit., p. 88.

<sup>46</sup> Idem, p. 87- 89.

## Sala Enfermagem

Ana Claudia Magalhães Pitol <sup>47</sup>

A sala apresenta um acervo relativo às atividades de médicos, enfermeiras e dentistas durante a Segunda Guerra. Uma vez que a FEB se encontrava submetida ao exército americano, um serviço de saúde brasileiro na Itália, facilitou o entendimento entre médicos e enfermeiras e os pacientes, evitando falhas no atendimento em razão das diferenças no idioma. Dessa forma, foram inseridas, no esquema de hospitalização americano do V Exército, Seções Hospitalares compostas por profissionais brasileiros.

Entre os materiais presentes no acervo exposto existem fotografias de enfermeiras que, embora apresentem legendas, não permitem a identificação de algumas situações. Isto nos permite problematizar a utilização do acervo do museu como fonte para o conhecimento de um período. Se não temos conhecimento sobre quem foram as moças apresentadas pela imagem ou a data em que a fotografia foi tirada, a imagem pode nos trazer outras informações. Um documento sozinho, por mais completo que se apresente, nunca pode responder a todas as nossas questões, por isso, é preciso relacioná-lo a outros, para preencher os espaços em branco. Um primeiro passo é perguntar o que motivou a presença das imagens nesta sala. A resposta parece simples, a primeira vista: em uma sala que trata da enfermagem, é normal que existam imagens de enfermeiras. Porém, estas imagens apresentam uma idealização dessas mulheres: sorridentes e satisfeitas. Dessa forma, é interessante fazer uma comparação entre as impressões suscitadas pelas fotografias e um depoimento de uma enfermeira, como o realizado por Berta Moraes, em *Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB* (1947).

Berta Moraes narra as dificuldades encontradas pela turma de enfermeiras da qual fez parte, como, por exemplo, os problemas financeiros enfrentados pelas moças que não dispunham de nenhuma ajuda de custo para realizar o “Curso de Emergência para Voluntárias” no Brasil. A enfermeira

---

<sup>47</sup> Estudante de Graduação em História da UFPR (Diurno). E-mail: anita\_pitol@hotmail.com



também nos permite notar as deficiências do treinamento recebido pelas mulheres que atuavam nas Seções Hospitalares na Itália:

“Enquanto aprendíamos com precisão rigorosa a composição da tribo do vetor da febre amarela, (...) continuávamos a ignorar, por exemplo, o emprego do termômetro Fahrenheit que, como todos sabem, não é usado entre nós, nem mesmo existe à venda, porém o único utilizado pelos americanos. (...) Mesmo depois de chegadas à Itália e uma vez trabalhando, nunca tivemos dos nossos superiores a menor explicação sobre a comparação de escalas, dificultosa até para muitos médicos, por falta de hábito, quanto mais para muitas das nossas enfermeiras que nem o curso ginásial possuíam!”<sup>48</sup>

De acordo com Berta, não houve uma seleção inicial das candidatas que se apresentaram para fazer o curso, o que permitiu uma heterogeneidade das participantes quanto ao nível de instrução. Apenas uma minoria era composta por moças diplomadas ou com experiência na área da enfermagem. O que pode explicar o desinteresse das profissionais brasileiros pela atuação no Exército, era o valor dos pagamentos oferecidos as candidatas. A Escola Anna Néry, melhor escola de formação de profissionais de enfermagem no Brasil, negou-se a colaborar com o Exército por essa razão.<sup>49</sup>

A atuação das brasileiras como enfermeiras permite pensar na posição da mulher na sociedade brasileira. É preciso ter em mente que este foi o primeiro momento em que mulheres fizeram parte do Exército brasileiro. Após a conclusão do curso realizado no Rio de Janeiro, foram nomeadas segundo-tenente, porém ao final da guerra quase todas foram dispensadas. Ainda assim, sua função na guerra, restringiu-se à enfermagem.<sup>50</sup> Uma das peças do acervo faz menção ao nome de todas as enfermeiras brasileiras que atuaram na FEB, percebe-se que apenas algumas delas ascenderam na hierarquia militar. Estas foram as que, de volta ao Brasil, foram chamadas para auxiliar na recuperação dos feridos de guerra. Porém, são a minoria. Ao desligar essas profissionais o Serviço de Saúde do Exército sofreu uma grande perda, pois estas mulheres adquiriram experiências em situações de guerra que

---

<sup>48</sup> MORAIS, Berta. “Testemunho de uma enfermeira”. In: Depoimentos de oficiais da Reserva sobre a FEB. São Paulo: Progresso Editorial, p. 376-377.

<sup>49</sup> Ibid., p. 374.

<sup>50</sup> A primeira turma de mulheres a ingressar no exército no pós-guerra só foi aberta em 1992, na Escola de Administração do Exército (Salvador - BA). Informações retiradas de: <http://www.exercito.gov.br/web/ingresso/linha-do-tempo>. Acessado em: 06/06/2011.

contribuíam para a continuação tanto do aperfeiçoamento da sua atuação, quanto no aprimoramento da profissão no Brasil.<sup>51</sup>

Além das enfermeiras outros profissionais brasileiros atuaram na área da saúde, alguns em destacamentos bem próximos as áreas onde se desenrolavam os ataques. Cada regimento possuía um Destacamento de Saúde, composto por um médico que prestava os primeiros socorros aos feridos, preparando-os para mandá-los para os Hospitais ou de volta à suas posições.<sup>52</sup> A padiola, presente na sala, nos lembra daqueles que tinham o primeiro contato com os feridos na frente de batalha. Berta Moraes descreve um pouco da rotina dos hospitais de Pisa e Pistóia. Após ler seu relato, pode-se imaginar como eram as cenas vistas por aqueles que recolhiam os feridos no campo de batalha, uma vez que, os que chegavam aos hospitais já tinham recebido os primeiros socorros:

“Hospitais de Pisa e Pistóia: combatentes de Camaioire, do Vale do Serchio, dos ataques frustrados ao Castello, das vitórias de Castelnuovo, Montese, Zoca! Era a fila interminável de ambulâncias em comboio, trazendo a sua carga de sofrimento. Era o sofrimento no que ele tinha de mais doloroso ao coração. Sofria-se vendo nossos rapazes estilhaçados, morrendo numa caridosa indiferença, proporcionada pelos grãos de morfina do ‘primeiro socorro’. Creio nunca ter rezado com mais sinceridade e fervor: ‘Senhor! Fazei que se acabe esta guerra. Poupei-nos desse sofrimento sem par!’”<sup>53</sup>

Os profissionais de saúde que trabalharam no atendimento dos praças brasileiros não tiveram que lidar somente com os ferimentos e problemas de saúde típicos de uma guerra. Muitos soldados foram para a Itália doentes, em virtude de um sistema de seleção que se mostrou ineficiente. Os problemas eram diversos. Existia uma grande quantidade de doenças sexualmente transmissíveis que, muitas vezes passavam despercebidas no processo de seleção, em razão do período de incubação. Assim a doença só se manifestava quando os soldados já estavam na Itália.<sup>54</sup>

---

<sup>51</sup> OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de; SANTOS, Tânia Cristina Franco. **Entre ganhos e perdas simbólicas: a (des)mobilização das enfermeiras que atuaram na Segunda Guerra Mundial**. In: Revista de Enfermagem da Escola Anna Nery, 11 (3), set. 2007, p. 426.

<sup>52</sup> CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1960, p. 319.

<sup>53</sup> MORAIS, op. cit., p. 383.

<sup>54</sup> RIGONI, Carmem Lúcia. **Diários de Guerra I. Anjos de Branco: o Serviço de Saúde da FEB na Itália salvando vidas (1944-1945)**. Curitiba: Editora Progressiva, 2010.

O Brasil, na década de 40, possuía uma população que se encontrava, em sua maioria, nas zonas rurais. Porém, mesmo a população urbana estava distante das condições adequadas de higiene e de atendimento médico. Ocorreu um choque até mesmo diante das instalações americanas em comparação com os quartéis brasileiros com relação aos cuidados de higiene. A cadeira de dentista, que se encontra na sala, nos leva a pensar na saúde dentária da população brasileira. O Serviço Dentário, foi criado especialmente para atender ao caso específico da FEB, e atuou tanto na fase de preparação como no decorrer das operações militares. Foram realizadas mais de 17.000 extrações que, levando-se em conta um efetivo total de cerca de 25.000 homens, apontam para as condições dentárias críticas dos militares brasileiros.<sup>55</sup>

A alimentação também causava estranheza. O regime alimentar do exército americano era mais qualitativo do que quantitativo. As rações utilizadas apresentavam um padrão de alimentação muito diferente daquele ao qual os brasileiros estavam acostumados, com a presença de enlatados e frigoríficos. Os suprimentos eram distribuídos empacotados ou enlatados nas quantidades adequadas. Eram três os tipos de rações distribuídas, as rações B e C e a Ração K. As três caixas que compõem esta última se encontram nesta sala. Esta ração acompanhava os militares o tempo todo e só podia ser consumida por ordem superior. Era utilizada durante patrulhas e combates ou durante ataques. Cada caixa correspondia a uma refeição e continha, cada uma, uma lata de queijo, patê ou sopa desidratada, biscoitos, café ou limonada solúvel, chocolate, cigarros, fósforos, um tablete de Halazone para purificar a água, uma colher e um abridor de latas.

O trabalho na área da saúde permitia muitos contatos culturais com a população civil italiana. Os hospitais atendiam não somente os militares, mas também pessoas vítimas de minas e que necessitavam de amputações e outras cirurgias. Além disso, nos momentos de trégua o serviço de saúde prestava atendimento à população local.<sup>56</sup> As marcas da violência não faziam distinção entre civis e militares. A enfermeira Berta lembra das crianças mutiladas pela guerra, “com que mágoa infinita se via a amputação de uma

---

<sup>55</sup> Ibid., p. 316.

<sup>56</sup> CASTELLO BRANCO, op. cit, p.320.

perna pequenina ou de um pezinho minúsculo: eram espetáculos que nos faziam odiar a guerra”.<sup>57</sup>

O material exposto nessa sala se presta para servir de material de reflexão para uma série de temas de interesse de diversas disciplinas da Educação Básica: cidadania, saúde, aculturação, hábitos alimentares, papéis de gênero, e assim por diante.

## **Acampamento**

Thiago Evaldo Rosa<sup>58</sup>

Na sala denominada “Acampamento” do Museu do Expedicionário encontra-se uma reencenação de como era esse ambiente<sup>59</sup>: uma barraca de lona fixada com madeira e cordas, sacos de armazenamento de utensílios, talheres, cinto com cantil, fogareiro, panela, mochila, facão, arma de fogo e etc. Na representação também estão presentes alguns manequins com roupas usadas pela FEB. Um deles dorme bem agasalhado dentro da barraca em um saco de dormir. Outros estão em pé com roupas para enfrentar um rigoroso inverno, tais como: luvas; casaco com touca; japonsa de inverno duas faces em galardine; um casaco todo branco, dos pés a cabeça. Presentes também partes convencionais do uniforme com coturno e capacete. Em alguns objetos está escrito Brasil, todavia em alguns outros objetos estão escritos U.S, sigla de *United States*, o que já possibilita perceber a contribuição norte-americana em provisões brasileiras. Fica ainda mais evidente essa aproximação com um fogão em exposição. Informa a legenda que esse utensílio vinha com instruções em inglês e também em português, para serem usados nos grandes acampamentos localizados na retaguarda.

Existem na sala também imagens acompanhadas por algumas legendas, uma delas mostra soldados norte-americanos treinando brasileiros na utilização de esqui, com o objetivo de melhorar a locomoção na neve, (lembrando que o esqui também está presente na representação do

---

<sup>57</sup> MORAIS, op. cit, p. 384.

<sup>58</sup> Estudante do Curso de Graduação em História da UFPR (Diurno). E-mail: thiago\_evaldo@hotmail.com

<sup>59</sup> Uma foto na sala de transportes do Museu possibilita uma idéia da complexidade desses lugares, a foto mostra centenas de barracas, uma do lado da outra, em Tenuta de San Rossore.

acampamento). Outras imagens mostram soldados levando alimentos para a linha de frente, usando tração animal, que era a única forma de atingir alguns pontos muito íngremes, situação comum na guerra de montanha. Também são mostrados soldados avançando sobre posições inimigas em plena neve, entre outras. Alguns outros objetos também estão presentes na sala, um estande central com projéteis e cápsulas de bala, granada e etc. E no lado oposto das representações do acampamento, estão alguns uniformes de generalato de oficiais que ainda não tinham essa patente durante a guerra na Itália, uma adaga doada pela AMAN, bibico, bastão de comando, divisas de general de brigada, objetos, como o caso da adaga da AMAN, que não faziam parte do contexto da Segunda Guerra.

Os objetos e as ilustrações em geral mostram como a FEB enfrentou condições climáticas muito difíceis, em especial um frio muito severo. Todavia os uniformes brasileiros disponibilizados para FEB não eram aptos para enfrentar o frio italiano, por isso o exército norte-americano teve que disponibilizar vestimentas apropriadas para a FEB. Então apesar dos comandantes terem inúmeras roupas disponíveis próprias para o inverno europeu, muitos soldados brasileiros lutavam e viviam com as antigas roupas, totalmente impróprias, o que pode ser visto não somente como negligência por parte dos oficiais, mais também pela mentalidade de muitos oficiais brasileiros, que com sua visão hierárquica não gostavam de ver subalternos tendo um uniforme igual ao seu, por isso muitos uniformes foram devolvidos para os norte-americanos posteriormente.<sup>60</sup> O que obviamente não seguia uma lógica prática, porque enquanto o oficial em geral estava na retaguarda, protegido por grande infra-estrutura, o soldado estava na trincheira ao céu aberto, portanto muito mais necessitado de um uniforme adequado. A diferenciação do uniforme, tão desejada por alguns oficiais brasileiros, também poderia ser uma desvantagem em combate, o inimigo poderia facilmente reconhecer indivíduos de alta patente.

Não somente em materiais para o inverno que o Brasil teve que contar com os Estados Unidos. Variados objetos foram cedidos pelo exército aliado. Em relação a alguns materiais de subsistência, como cantis e marmitas, o de

---

<sup>60</sup> MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Trincheiras da memória. Brasileiros na campanha da Itália, 1944-1945**. Tese de doutorado. São Paulo, USP, 2004. Pp.111

origem brasileiro era feito com material menos resistente, de maneira mais rudimentar e de mais fácil oxidação. Enquanto que esses mesmos objetos, mas de fabricação norte-americana, tinham uma qualidade bem superior e eram melhores pensados para as peculiaridades da região em que os exércitos se encontravam.<sup>61</sup> Foi por causa de casos com esse que a FEB teve que contar com o apoio norte-americano. Inadequados também eram, por exemplo, sacos de dormir com zíper para cima (que deixavam os soldados indefesos a um possível ataque), por ser relativamente demorado para ser aberto e fogareiros que poderiam minimizar o frio (porém não podia ser usado a noite, por ser passível que o exército inimigo os localizassem).<sup>62</sup>

Desde a viagem de navio até os acampamentos a alimentação brasileira também esteve ligada com os Estados Unidos. Muitos soldados já convocados para a FEB no Brasil sofriam com carência na alimentação, e mesmo os que já faziam parte do exército, contavam nos quartéis com uma alimentação bem básica, por alguns considerada intragável. Com a ida para a guerra esses brasileiros tiveram contato com refeições providas do exército norte-americano.<sup>63</sup> É interessante ressaltar que essas coisas foram profundas mudanças para muitos soldados, muitos dos quais nunca tiveram anteriormente uma alimentação balanceada.

Relatado por alguns Febianos, que em geral as grandes missões ou batalhas eram precedidas por verdadeiros banquetes, com: peru, queijo, doce etc. Como se fosse uma compensação semelhante à dada para os que a justiça condena à morte.<sup>64</sup> Alguns itens também eram entregues diariamente para os soldados: chocolate, cigarro, papel higiênico, caramelo, etc. Os soldados além de consumir esses produtos, também os usavam para barganhar com os civis italianos por outras mercadorias de seu interesse.<sup>65</sup> O contato com italianos da região colaborou para que alguns desses conseguissem invadir os acampamentos brasileiros em busca de coisas de valor, apesar dessa afirmação contrariar a memória geral de veteranos da FEB,

---

<sup>61</sup> Idem. Pp. 297

<sup>62</sup> Idem. Pp. 124

<sup>63</sup> MERON, Luciano Bastos. **Memórias do front: relatos de guerra de veteranos da FEB.** Dissertação de Mestrado em História, UFBA, Salvador, 2009. Pp.76.

<sup>64</sup> MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Trincheiras na Memória...** Op. cit, p. 125.

<sup>65</sup> Idem ibidem.

que via o relacionamento com o civis de maneira positiva, acreditando na impossibilidade de crimes e trapaças realizados por eles.<sup>66</sup>

Uma situação que acompanhava os soldados da infantaria era sua permanência em trincheiras ou abrigos individuais (*Fox-Hole*). Quando a permanência em um desses lugares parecia ser longa, o soldado em geral tentava diminuir o desconforto ao qual tinha que passar. Os buracos eram aprofundados, colocado feno, sacos cheios de terra, troncos de árvore, telhas metálicas (se disponíveis), tudo para propiciar um maior conforto e uma sensação de segurança.<sup>67</sup> Existem relatos que revelam a dificuldade encontrada nesses lugares. Ficar sem luva poderia endurecer os dedos e não permitir que o soldado pudesse atirar ou fazer com que o soldado dormisse com o cantil no meio das pernas para não congelar a água.<sup>68</sup> A vida na trincheira fazia com que hábitos do exército não pudessem ser cumpridos, como uniforme alinhado, banho e barba feita, tidos como impraticáveis. E também abriam margem para algumas adaptações como o uso do capacete de metal para cozinhar ou para servir de penico ou mesmo o uso de jornal dentro dos coturnos para evitar a gangrena dos pés, hábito criado pelos brasileiros e posteriormente também adotado pelos norte-americanos. Enfim, a dura realidade da linha-de-frente criou uma disciplina totalmente diferente entre os militares e civis recém-convocados, que pouco ou nada tinha a ver com antigos hábitos dos tempos de quartel no Brasil. Essa mudança cultural, a qual está associada a “americanização” do Brasil e da FEB é tema do mais alto interesse para disciplinas como a História e a Antropologia.

---

<sup>66</sup> Idem. Pp. 66

<sup>67</sup> MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Trincheiras na Memória...** Op. cit, p.195.

<sup>68</sup> Idem. Pp. 126.

## Forças do Eixo

Eduardo da Cruz<sup>69</sup> & Felipe Cavalcante Marcelo<sup>70</sup>

A sala referente às forças do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) possui um acervo militar diversificado e relacionado a esses países durante a época da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Encontram-se em exposição, principalmente, duas vitrines com armas alemãs e italianas, e uma mesa ao centro com vários acessórios da Alemanha nazista, como conjuntos de medalhas, distintivos, selos, réplica de uma bandeira, emblemas e duas publicações periódicas alemãs dos anos 1930. Além disso, há uma mesa especialmente dedicada à exposição de um exemplar da metralhadora alemã *MG-42 (Maschinengewehr 42)*, capturada pelos combatentes brasileiros da FEB (Força Expedicionária Brasileira) na Campanha da Itália (1944-1945), conhecida entre eles como Lurdinha.<sup>71</sup>

Nas paredes da sala estão diversos quadros que reproduzem fotografias das atividades de combate da FEB. Há imagens de locais de batalhas, como Montese, e também, o que se destaca bastante, o registro do momento de rendição do general alemão Fretter Pico ao major Franco Ferreira por ocasião do cerco e captura da 148ª Divisão de Infantaria alemã em 28 de abril de 1945, na cidade de Fornovo di Taro, ocasionando a rendição de aproximadamente 14.779 alemães. Esse episódio constitui uma das grandes operações da FEB na Itália.

Deve-se ressaltar, contudo, que a maioria dos materiais expostos nesta sala refere-se às armas do exército alemão, mas existem também armamentos pertencentes às forças armadas italianas, embora em quantidade menor. Sobre o armamento alemão cabe ainda atentar que boa parte foi capturada no episódio de Fornovo di Taro, já mencionado. Lembrando que os alemães estavam lutando há anos, isso significa basicamente duas constatações: ao mesmo tempo em que havia tropas cansadas e completadas com velhos e

---

<sup>69</sup> Estudante do Curso de Graduação em História da UFPR (Diurno). E-mail: eduzo.scr@gmail.com

<sup>70</sup> Bacharel e Licenciado em História na UFPR (Diurno). E-mail: felipecmarcelo@hotmail.com

<sup>71</sup> A esse respeito consultar: <http://www.youtube.com/watch?v=9AJyWNWoDYA> e <http://www.youtube.com/watch?v=Mb17kxGrWjo>. Acessados em 07/09/2011 Vídeos sobre a apresentação do Museu do Expedicionário filmada pela TV Sinal.



adolescentes, existiam também soldados donos de grande experiência em combate. E, nesse ponto, diferenciavam-se dos seus oponentes brasileiros, que chegavam ao campo de batalha sem essa experiência<sup>72</sup>.

O típico grupo de combate americano era formado por 12 homens, onde um dos quais carregava o *B.A.R. (Browning Automatic Rifle)* – misto de fuzil pesado e metralhadora leve, com carregador de apenas 20 cartuchos e cadência máxima de 600 tiros por minuto. Assim, para os americanos e, por extensão, para a FEB, o fogo combinado dos fuzis apoiados pela *B.A.R.* era a chave de combate de infantaria. É de se lamentar que a FEB não tenha sido equipada com os modernos fuzis a gás *M1 Garand*, então o fuzil padrão da infantaria dos EUA. Em seus lugares o Brasil recebeu obsoletos fuzis *Springfield M1903*, modelo utilizado na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Do outro lado, os grupos de combate alemães eram menores, compostos por 9 homens, que apoiavam o operador da *MG 42* – com carregador de fita de 50 cartuchos cada um e cadência de cerca de 1.500 tiros por minuto. Os outros soldados carregavam submetralhadoras ou fuzis, os quais podiam ser automáticos, semiautomáticos ou, menos frequentemente, de ação manual de ferrolho. Isso fornecia às unidades alemãs maior poder de fogo. As *MG's* causaram um impacto muito grande nos norte-americanos e brasileiros, e estavam por trás de boa parte do sucesso do exército alemão<sup>73</sup>.

Em relação à conjuntura histórica mais ampla, a Alemanha invade a Polônia em setembro de 1939, iniciando a Segunda Guerra Mundial, tal como a historiografia geralmente estabelece. No entanto, o conflito apenas adquiriu proporções mundiais a partir de 1941, quando EUA, Japão e URSS encontraram-se na guerra. A Itália, assim como a Alemanha, sofria um processo de modernização de sua indústria pesada e construção de armas para suas forças armadas. Além disso, ambos constituíam regimes totalitários à época: o *III Reich*, de Adolf Hitler, e a Itália fascista de Benito Mussolini. No entanto, a referida sala não cita elementos relacionados ao genocídio dos judeus perpetrado pelos alemães, com exceção de algumas imagens, concentrando-se apenas nas questões militares.

---

<sup>72</sup> BONALUME NETO, Ricardo. **A Nossa Segunda Guerra: Os brasileiros em combate**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995, p. 120.

<sup>73</sup> Idem, *ibidem*, pp. 192-193.

Sobre esse tema, ainda, é importante recordar que era um ponto de aproximação entre o Brasil e Alemanha no período pré-guerra. O III *Reich* promoveu duas ações que interferiram diretamente nas relações com o Brasil, sendo elas: o desenvolvimento e a produção de armas; e a retomada do serviço militar obrigatório (1935). A primeira ação foi a que mais interferiu nas relações diplomáticas entre os dois países, pois os militares brasileiros desejavam aparelhar o exército e, a partir disso, as forças armadas brasileiras assinaram contratos para a aquisição de armas junto a empresas alemãs. De fato, é fundamental citar o caso do fuzil *Mauser* 98, de ação manual de ferrolho, considerado de excelente qualidade, utilizado pelo exército brasileiro durante décadas e presente na sala.

Os elos que uniam Alemanha e Brasil foram interrompidos, pois as relações comerciais e militares foram barradas pelo bloqueio naval inglês. A partir desse momento, a posição do Brasil foi se definindo em favor dos EUA – confirmando-se acordos comerciais, como a criação de uma siderúrgica no Brasil, a compra de armamentos dos Estados Unidos e até mesmo a permissão a esse país para que criassem novas bases aéreas no nordeste brasileiro, sob o disfarce de construção e reforma de aeroportos<sup>74</sup>, sendo que um deles foi o Afonso Pena, de Curitiba. As indefinições políticas brasileiras foram encerradas, oficialmente, em 28 de janeiro de 1942, com o corte das relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo<sup>75</sup>.

Antônio Pedro Tota afirma, entretanto, que o evento que representou o primeiro tiro para a guerra foi a invasão da China pelo Japão em 1931<sup>76</sup>. Esse ataque vincula-se ao contexto de industrialização japonês e de sua necessidade premente de recursos materiais. A crescente tensão com os EUA resultou, nesse sentido, na proibição da exportação de petróleo para o Japão por parte do governo estadunidense e holandês, num esforço de conter as agressões militares japonesas. Essa ação constituiu uma motivação para os japoneses entrarem em guerra com os EUA, o que ocorre com o ataque

---

<sup>74</sup> FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p.35.

<sup>75</sup> RAHMEIER, Andrea Helena Petry. **Relações diplomáticas e militares entre a Alemanha e o Brasil: da proximidade ao rompimento (1937-1942)**. Porto Alegre, 2009. 390 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUC-RS, pp.356-364.

<sup>76</sup> TOTA, Antônio Pedro. **Segunda Guerra Mundial**. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). *História das Guerras*. 4ª edição. São Paulo: Contexto, 2008, pp.355-389.

japonês a Pearl Harbor em 7 de dezembro de 1941<sup>77</sup>. No entanto, com relação ao Japão, na referida sala há apenas um uniforme militar japonês utilizado por um soldado no conflito mundial.

Desse modo, as origens da Segunda Guerra Mundial podem ser consideradas como o resultado de três guerras diferentes: um conflito imperialista entre antigas potências européias (EUA, Grã-Bretanha, França contra Alemanha, Itália e Japão); uma guerra entre a China e Japão, que havia invadido a Manchúria em 1931; e uma guerra com o objetivo de destruir a URSS, o que se inicia com a invasão dos alemães na Operação Barbarossa, em 1941<sup>78</sup>. O processo histórico de surgimento e desenvolvimento do conflito mundial deve ser vinculado a diversos fatores e variáveis, e não se reduzir apenas a esquemas explicativos. A sala, nesse sentido, constitui uma ferramenta significativa ao levantar diferentes questões, em função da perspectiva que se adota sobre o episódio.

### **Contexto e Propaganda na Segunda Guerra Mundial**

Antonio Diogo Greff de Freitas<sup>79</sup>

Nesse pequeno ambiente é possível apreciar inúmeras fotos sobre o contexto geral da Segunda Guerra Mundial, imagens de propaganda americana, assim como fotos produzidas com intuito de propaganda, miniaturas de blindados alemães e aviões em geral, como também um uniforme do exército imperial japonês. De certo modo não é possível compreender nesta exposição uma relação entre essas miniaturas e as fotos, ou até mesmo uma relação com o uniforme japonês. Percebe-se então que as peças e fotos estão expostas de um modo meramente aleatório. Mesmo assim as imagens expostas nos quadros chamam a curiosidade do expectador, pois pode nos trazer muita informação relevante sobre o contexto da 2ª Guerra Mundial.

---

<sup>77</sup> DIVINE, Robert et. al. **América: passado e presente**. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1992, pp.587-610.

<sup>78</sup> OLIVEIRA, Dennison de. **Os soldados brasileiros de Hitler**. 3ª reimpressão. Curitiba: Juruá, 2011, pp.11-13.

<sup>79</sup> Estudante do Curso de Graduação em História da UFPR (Diurno). E-mail: tonigreff@gmail.com

Devemos lembrar que a propaganda é também uma arma num contexto bélico, segundo o próprio Adolf Hitler: "*A propaganda política busca imbuir o povo, como um todo, com uma doutrina... A propaganda para o público em geral funciona a partir do ponto de vista de uma ideia, e o prepara para quando da vitória daquela opinião*", tais ideias foram escritas em seu famoso livro intitulado *Mein Kampf* e foram publicadas no Museu da Memória do Holocausto (*United States Holocaust Memorial Museum*). Notamos então a importância dessa ferramenta para defender ideais ou convencer o público geral de determinadas opiniões políticas.<sup>80</sup> Nesse sentido podemos visualizar nesse ambiente uma foto que retrata um congresso anual do partido nazista alemão (NSDAP) em 1934, o qual também serviu de cenário para o desenvolvimento do documentário *Der Triumph des Willens* (*O triunfo da vontade*) produzido também em 1934. Tal foto tem objetivo propagandista, pois tenta levar a um grande público a grandiosidade do evento nazista, seu grande apoio por milhares de pessoas, a busca por mais adeptos às suas políticas, bem como sua legitimidade.

Mas a propaganda era usada somente pelos nazistas? Se dermos uma boa olhada na sala aqui retratada veremos que não, pois além das fotos podemos ver inúmeras propagandas americanas de guerra nos dois quadros menores por exemplo. Nos EUA ocorria uma atitude, ou um clima de unidade nacional, um esforço de guerra que proporcionava também o desenvolvimento de propagandas pró-guerra. Inclusive desenhos animados foram produzidos nesse sentido, um dos mais famosos desenhos foi *The Spirit of 43* (O espírito de 43). Nesta produção da Disney pode ser visto o próprio Pato Donald saindo do trabalho no dia de seu pagamento, onde vive a dualidade entre gastar o seu dinheiro num *saloon* com portas em forma de suástica ou pagar os impostos do governo para ajudar o país na guerra, Donald acaba por escolher a segunda opção.<sup>81</sup> Sem falar do desenho do Pato Donald também produzido para estreitar relações entre Brasil e EUA no mesmo período, onde surge o famoso Zé Carioca. Também podemos lembrar dos clássicos vídeos feitos por Frank

---

<sup>80</sup> Disponível em: <http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005202>. Acesso em: 18 de junho de 2011.

<sup>81</sup> Tota, Antonio Pedro. **Os Americanos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 169.

Kapra, os quais eram nomeados por *Why we fight?* (Por que lutamos?), onde defendiam também ideais pró-guerra.

Voltando as fotos, sem dúvida, se tratando de uma sala onde se expõe clássicas imagens da 2ª Grande Guerra, parece-me que faltou uma em particular, a famosa foto americana no Monte Suribachi. Foto a qual gerou filme<sup>82</sup>, Prêmio Pulitzer e rodou o mundo retratando a conquista americana em Iwo Jima. Em contrapartida temos a clássica foto de maio de 1945, onde um soldado soviético no alto do parlamento de Berlim hasteia a bandeira soviética. Esta foto foi tirada por Yevgeny Khaldei e nos remete a umas das primeiras fotos manipuladas na história. Nesta foto, em sua versão final, foram adicionadas nuvens negras, uma outra bandeira soviética e fora retirado um dos relógios de um soldado que aparece na foto. Por ter um relógio em cada pulso era aceitável desconfiar de um possível saque anterior à foto por parte dos soldados soviéticos. Tal fator não seria benéfico para o objetivo de propaganda da imagem retratada.<sup>83</sup>

De forma resumida este espaço tenta trazer ao visitante um plano geral das principais imagens da Segunda Guerra Mundial. Por exemplo, podemos ver fotos que destacam o extermínio e a segregação dos judeus, onde pode ser visto a imagem de 1941, a qual mostra famílias judias inteiras sendo transportadas para campos de concentração. Outra representação do gênero demonstra judeus sendo obrigados a usar a estrela de David em suas roupas, de modo a diferencia-los das outras pessoas. Também é possível ver retratos que demonstram os combates na Segunda Guerra, como a icônica imagem do cogumelo formado pela explosão da bomba atômica sobre Hiroshima em seis de agosto de 1945. De certa forma devemos pensar se tal ataque fora realmente um combate. Outra imagem muito interessante é a de um Kamikaze prestes a colidir com um navio americano no oceano pacífico em 1944. Porém não devemos esquecer, como os exemplos anteriores aqui já mostraram, que a maior parte das imagens são figuras construídas com determinados objetivos, basicamente propaganda.

---

<sup>82</sup> Vale ver o filme: **A Conquista da Honra** (Flags of Our Fathers) do diretor Clint Eastwood, 2006.

<sup>83</sup> Disponível em: <http://www.spiegel.de/international/europe/0,1518,551972,00.html>. Acesso em: 18 de junho de 2011.

É importante notar que os pôsteres que contém essas fotos originalmente estavam expostos no andar térreo do prédio do Museu do Expedicionário, ladeando o gigantesco mapa-mundi ali presente. Os números contidos no mapa relacionavam diferentes lugares com as imagens fotográficas que a eles correspondiam. Atualmente ladeiam o mapa-mundi pôsteres de fotos da FEB, que pouco ou nada tem a ver com um mapa mundi daquela escala. A numeração contida no mapa perdeu todo sentido.

Além das fotos já descritas podemos observar dois quadros menores que possuem um grande número de exemplos de propaganda americana. Nesse caso agora propagandas literais. Além de legitimar o modo de vida, idealizar a nação e desumanizar o inimigo, estas propagandas serviam também para recrutar novos soldados e arrecadar fundos para a guerra. Quem não conhece a clássica imagem do Tio Sam com a frase: *"I Want you for the U.S. Army"* (Eu quero você para o exército dos EUA)? Tal imagem teve origem na Primeira Guerra Mundial e foi usada também na Segunda.<sup>84</sup> Estas estratégias de marketing eram amplamente usadas e sem dúvida conseguiam incitar o patriotismo, o orgulho, o medo e o sentido de dever dos cidadãos. Nesse sentido estes dois quadros trazem imagens com dizeres como: *"This is the enemy. Deliver us from evil"* (Esse é o inimigo. Livre nos do mal) e a imagem de mulheres que parecem ter sido aprisionadas por nazistas. Existe outra imagem que diz: *"Slave world or free world?"* (Mundo escravizado ou mundo livre?) onde a imagem mostra figuras humanas parecendo escravas ao girar uma suástica que parece simbolizar uma engrenagem. Entre estas imagens existiam selos que eram vendidos e propagandas que incitavam a compra de *war bonds* (bônus de guerra) que eram usados para patrocinar as tropas americanas no front. Numa destas imagens está escrito: *"For victory buy more war bonds"* (Para a vitória compre mais bônus de guerra). Imagem deste grupo de propagandas, que não foi contemplada neste ambiente, e de muito interesse, foi a da mulher, pois existiam propagandas com dizeres como: *"We Can Do It!"* (Nós podemos fazer isso!) e uma imagem de uma mulher exemplar,

---

<sup>84</sup> KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius de. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 222.

uma operária industrial a serviço do esforço de guerra.<sup>85</sup> Pois vale acrescentar que a guerra aumentou o número de mulheres trabalhando em 60%, ou seja, estas “combatentes sem armas” contribuíam nos esforços para guerra, e sendo assim eram visadas nas propagandas.<sup>86</sup> Estes bônus de guerra ou *War Bonds* além de ajudar financeiramente na guerra, também proporcionavam ao cidadão nos EUA um envolvimento, uma participação no conflito.

Certamente a parte mais interessante deste espaço recai sobre as imagens que foram citadas aqui, pois as miniaturas de veículos militares nada acrescentam, e acabam por ser meramente ilustrativas, e de simples curiosidade. Logo abaixo dos quadros é possível notar estas diversas miniaturas de blindados alemães, onde se destacam os blindados do *Deutches Afrika Korps*, tropas alemãs que tinham como comandante o Marechal Johannes Eugen Rommel, conhecido pelas tropas aliadas como a Raposa do Deserto devido à audácia dos ataques que comandou na Líbia. Também contém blindados na escala 1/35 das famosas divisões Panzer. E logo do lado é possível ser visto um numero razoável de aeronaves em miniatura. Por fim o uniforme de soldado do Império Japonês que fora propriedade do soldado Takeiti Kazuo. Nesse espaço é visto também uma foto deste soldado e a tradução das insígnias japonesas que estão na parte interna do uniforme.

Certamente a relação desta sala com a FEB é mais superficial, pois é visto que esta sala traz um contexto mais amplo, embora multifacetado e incoerente, da segunda guerra mundial. Desde propagandas a fotos icônicas, como também demonstrativos de veículos usados na Segunda Grande Guerra. Possivelmente o objetivo deste ambiente seria lembrar o expectador do contexto além das batalhas da FEB na 2º Guerra, assim como lembrar a grandiosidade do evento que teve participação efetiva do Brasil. Atualmente sub-utilizados, tais objetos lograriam compor exposições temporárias coerentes e relevantes, se devidamente tematizados e contextualizados.

---

<sup>85</sup> TOTA, Antonio Pedro, Op. cit. p. 168.

<sup>86</sup> KARNAL, PURDY, FERNANDES, MORAIS. Op. Cit. p.224.

## História da Legião Paranaense do Expedicionário e Memória de Guerra

Solange Lima<sup>87</sup>

Única representante do continente latino americano no *front* europeu, durante a Segunda Guerra Mundial, a Força Expedicionária Brasileira enviou aproximadamente 25 mil brasileiros para lutar na Itália. Foi composta em grande parte por jovens civis e de origem humilde, que ao término do conflito buscaram o retorno a antiga vida deixada no Brasil.

Para motivar estes cidadãos a se transformarem em soldados, o Estado Brasileiro prometia a reintegração dos membros da FEB à sociedade. Entre as medidas tomadas pelo governo, estava garantir ao ex-combatente o direito ao retorno ao antigo emprego e o recebimento de 50% do valor do seu salário enquanto estivesse de licença militar. Porém, muitas vezes estas leis foram descumpridas, deixando os pracinhas desassistidos.

Vista pela imprensa nacional como símbolo da luta antifascista, a FEB foi desmobilizada antes mesmo de todo o seu efetivo desembarcar no Brasil. Em 16 de julho de 1945 estava extinta a Força Expedicionária Brasileira. Entre os motivos que levaram o Ministério da Guerra a desmobilizar os pracinhas, estava o eminente perigo que a FEB representava à ordem política vigente no período. Outro fator que chamava a atenção do Exército para FEB, seria uma possível adesão de membros desta à causa socialista.

A edição de medidas que impediam o pronunciamento dos ex-integrantes da FEB sobre o conflito sem a permissão do Ministério da Guerra, a proibição da utilização de uniformes e de distintivos da FEB, dentre tantas outras, logo reduziram o impacto político do retorno dos expedicionários. Porém, este aparente receio da cúpula militar brasileira estava longe dos reais anseios dos pracinhas, que antes de tudo desejavam retornar as suas famílias e as suas antigas atividades. Ao desembarcarem no Brasil, os pracinhas logo se defrontaram com as festividades e manifestações de boas vindas em todo o país. Entretanto, o entusiasmo com os relatos sobre a Segunda Grande Guerra

---

<sup>87</sup> Bacharel e Licenciada em História pela UFPR (Diurno). Professora da Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná. Estudante do Curso de Letras (Alemão) na UFPR. E-mail: soll\_evilqueen@yahoo.com.br



logo passaram. E os que eram considerados heróis outrora passaram a ser questionados, até mesmo sobre a boa aparência física adquirida no *front*.

O soldo recebido logo se esgotou, os problemas familiares e o desemprego passaram a fazer parte da realidade dos ex-combatentes. Estes sofreram com a falta de políticas públicas que visassem sua reintegração social. Dentro do Exército brasileiro a hostilidade com os pracinhas foi ainda maior, e a experiência adquirida na Itália foi deixada de lado. Mesmo assim, os pracinhas que prosseguiram na carreira militar ainda puderam contar com uma carreira segura e atendimento médico, realidade bem distinta da enfrentada pelos febianos civis.

Além do descaso das autoridades, a população, que não havia enfrentado os horrores de um conflito como esse em seu país, não estava preparada para receber os ex-combatentes. Estes além das sequelas físicas contraídas na Itália, ainda apresentavam graves problemas psicológicos. A maioria dos membros da FEB não possuía formação escolar, e quando partiram estavam em idade de aprender um ofício. Os empregos anteriores à guerra não foram mantidos na maior parte dos casos, e conseguir um novo emprego era tarefa quase impossível. A não-reintegração social dos ex-combatentes chegou ao ponto de alguns expedicionários acabarem seus dias como indigentes.

A ineficácia das leis de amparo aos veteranos de guerra fez com que surgissem associações para lutar pelos direitos dos ex-combatentes. No Paraná é fundada em 20 de novembro de 1946 a Legião Paranaense do Expedicionário. Sua designação surgiu de um afastamento político-ideológico do núcleo paranaense da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil - AECB. Tal instituição foi criada ainda em 1945, com intuito de facilitar a integração social dos veteranos, lutar pelos interesses dos ex-pracinhas, promover a assistência social e preservar a memória da atuação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

A aproximação política da AECB com o partido Comunista - PCB, foi a grande responsável pelo afastamento da Seção do Paraná e do surgimento da LPE, uma vez que os representantes paranaenses, como o expedicionário Albor Pimpão Ferreira, acreditavam que a Associação deveria manter um afastamento político. Postura esta, que de certa forma protegia os paranaenses

das tensões vivenciadas no Brasil em virtude do combate ao comunismo, típico do período da Guerra Fria que então se iniciava.

Entre os objetivos da Seção Paranaense estavam promover a união entre os ex-combatentes, integrar os veteranos a sociedade, garantir assistência médica e preparar os associados para que pudessem garantir sua própria subsistência. Por não possuir recursos a associação contou com a adesão e a colaboração de empresários, intelectuais e membros da sociedade, que muito contribuíram para tornar possíveis as reuniões dos ex-combatentes. Entre os locais utilizados para os encontros estão a Sociedade Recreativa Britânia Esporte Clube, espaço da Legião Brasileira de Assistência localizada na Praça Tiradentes, Associação dos Ex-integrantes do Tiro Rio Branco, o Circulo de Estudos Bandeirantes e uma sala na praça Osório, este último utilizado até a construção de uma sede própria em 1951.

A Casa do Expedicionário, fundada em de 15 de novembro de 1951, destinava-se a promover o auxílio dos veteranos paranaenses ou que residiam no Paraná. Existia uma grande demanda, sobretudo, de atendimento médico. A casa não somente hospedava ex-combatentes residentes no interior, em trânsito pela capital, como o encaminhava para instituições hospitalares. A Casa ainda promovia a assistência jurídica e a luta pela conquista dos direitos dos veteranos.

Aos poucos a LPE passou a contar com atores do cenário político paranaense, o que proporcionou várias conquistas legais para os veteranos. A LPE ainda promovia eventos culturais e até mesmo cursos que beneficiavam não somente associados e familiares, mas também toda a comunidade. No início da década de 1980 a Casa do Expedicionário, que já havia cumprido sua missão de assistir e garantir os direitos dos expedicionários passa a ser um Museu, dedicado a atuação brasileira e paranaense na Segunda Guerra Mundial.

A preservação da memória da guerra e a inserção da mesma na memória coletiva, também desde sempre se apresentaram como finalidade da LPE, que se mostra ativa ainda hoje na comemoração de datas importantes para a FEB, nas celebrações e eventos organizados no espaço do Museu. Espaço, este que guarda nomes e imagens, tanto de combatentes que

perderam a vida no *front*, quanto àqueles que retornaram ao país como vencedores.

O Museu do Expedicionário conta com uma sala dedicada a LPE e a memória da guerra. Este espaço conta com retratos de membros da FEB, entre eles a enfermeira voluntária Virginia Leite e de pracinhas que possuíam sua origem em países que formavam o Eixo, como é o caso da Alemanha. O que mostra a diversidade, não somente social, mas também étnica encontrada na FEB. Observamos também a existência de medalhas e insígnias e outros objetos trazidos da Itália, como máquinas fotográficas utilizadas para documentar a guerra e manuais de orações e artefatos religiosos, que mostram o apego dos pracinhas à fé para enfrentar as adversidades da guerra.

Ainda nesta sala existe um quadro com a imagem de Getúlio Vargas, presidente do Brasil durante o período de atuação da FEB. Bem como, uma carta do Marechal Mascarenhas de Moraes, que data do aniversário de 2 anos de fundação da Casa do Expedicionário. Mascarenhas de Moraes exalta o valor da Instituição bem como os feitos da FEB no *front*.

O local ainda reserva espaço para artefatos que lembram a história da LPE, estão em exposição postais, certificados, convites de comemoração de datas históricas para a FEB e a LPE. Objetos que demonstram a importância da Legião na manutenção da memória da atuação paranaense no conflito. Também encontram-se documentos oficiais da LPE, com relação a construção da casa, formulários para a adesão de novos sócios e ainda uma atualização do seu Estatuto.

O espaço preserva uma memória dos feitos da LPE, fotos da inauguração da Casa e de eventos, inclusive atuais. Eventos que envolvem pracinhas, familiares e membros da Legião. Imagens que, paradoxalmente, não revelam a dura história de luta da LPE e dos ex-combatentes ao retornar ao Brasil. A memória resgatada por este espaço remonta a ação gloriosa paranaense e brasileira na guerra, bem como festividades envolvendo a FEB e não os horrores enfrentados pelos ex-combatentes, alguns destes que ainda hoje circulam no Museu e também relatam suas experiências no *front*.

As opções que nortearam a montagem dessa exposição podem ser motivadoras de uma série de pesquisas, estudos e debates por parte de estudantes de diferentes níveis de ensino, abrangendo diversas disciplinas. Em

especial questões como a cidadania, as relações entre indivíduos, instituições militares e o regime político vigente, o impacto do contexto da Guerra Fria, o populismo, etc. são apenas alguns dentre tantos outros temas que esta exposição suscita.

## Oficiais da FEB

Cássia Renata Scherer Lino<sup>88</sup>

Nessa sala temos medalhas, lembranças da campanha, condecorações, insígnias, quadros, fotos, uniformes, armas, diários com anotações do dia-dia, mapas, homenageando os seguintes oficiais da Força Expedicionária Brasileira: o General Candido Flarys da Cruz, o Marechal José Machado Lopes e o Coronel Pérsio Ferreira. Também encontramos imagens de Castelnuovo durante o período da guerra, a chegada dos combatentes em Curitiba, no dia 9 de Agosto de 1945, com um desfile em frente à estação ferroviária. Além de um mapa usado pelo general Mascarenhas de seu quartel durante a Campanha da Itália (1944-1945). Para completar, encontramos jornais da época destacando a FEB na guerra, enfatizando a vitória das tropas brasileiras.

O intuito desse espaço dedicado à memória dos ex-combatentes é reforçar o papel desempenhado por esses três oficiais, destacando a bravura e lado heroico de cada um deles como fundamentais para a vitória brasileira.

### Cândido Flarys da Cruz

De origem paranaense, foi General de Brigada, e está representado no museu com um retrato à óleo, trajando seu uniforme, condecorações, insígnias e medalhas que recebeu mesmo permanecendo durante toda a guerra em nosso Depósito de Pessoal, ou seja, sem nunca ter ido para o *front* e, portanto sem viver os traumas e experiências de estar na luta. O que chama a atenção é o álbum de fotografias de sua vida militar, em específico, quando atuava como comandante do 13º Regimento de Ponta Grossa quando recebeu

---

<sup>88</sup> Estudante do Curso de Graduação em História da UFPR (Diurno). E-mail: crsl\_cassia@yahoo.com.br

a visita do Marechal Lott que chegou a ser candidato á presidência. Os materiais expostos podem ser úteis para se discutir o papel desempenhado pelo Depósito de Pessoal da FEB, a doutrina dos “recompletamentos” e o subsequente nivelamento dos integrantes daquela organização à categoria de “ex-combatentes”.

### Marechal José Machado Lopes

Exerceu a função de comandante do 9º Batalhão de Engenharia de Combate. Na sala que leva seu nome, possui além de suas inúmeras condecorações, armas, insígnias, um caderno de anotações de ordens do comando do Batalhão relacionadas a ações de guerra. Após o conflito foi comandante do III Exército, com base em Porto Alegre e participou da Campanha da Legalidade (1961). Também foi presidente da Legião Paranaense do Expedicionário (1948-50). Teve um papel essencial na construção da Casa do Expedicionário (1950). Através de sua iniciativa, iniciou a arrecadação de fundos para a obra. Da sua entrada na presidência até a inauguração, passaram-se pouco mais de dois anos.<sup>89</sup> Devido ter sido o elemento canalizador da mobilização, disponibilizando sua imagem e os recursos de poder inerentes ao cargo de Presidente da Rede de Viação Paraná-Santa Catarina em prol dos pracinhas, o Marechal José Machado Lopes é sempre referenciado pelos legionários e o sentimento de gratidão para com ele é grande.<sup>90</sup>

### Pérsio Ferreira

Paranaense, ingressou na carreira militar em 1939 e participou de momentos importantes da guerra, como a conquista do Monte Acuto e Monte Castelo. Serviu com seu pelotão durante quarenta dias na perigosa posição de Torre de Nerone. Em 1966, foi nomeado membro do Conselho Estadual de Trânsito, pelo então governador Paulo Pimentel, assumindo, em 70, o comando

---

<sup>89</sup> AMARAL, Maria do Carmo. O Museu do Expedicionário: Um Lugar de Memórias. Tese de Mestrado. UFPR, 2001. Pp.52.

<sup>90</sup> Idem, *Ibidem*.

geral da Polícia Militar. Durante a sua promissora carreira, recebeu diversas medalhas, entre elas a de Ordem ao Mérito, a do Pacificador e a Cel Joaquim Antonio de Moraes Sarmiento, a mais alta condecoração da PM do Paraná. Participou ativamente da direção da Legião Paranaense do Expedicionário. Seu trabalho também já foi reconhecido pela Assembléia Legislativa do Estado, onde recebeu Votos de Louvor:

Dentre os expedicionários brasileiros mais bravos, destacou-se o paranaense de Palmas, 2º Ten. Pérsio Ferreira. Na madrugada de 2 de Dezembro de 1944 na região de C. de Berto ocorreu um violento tiroteio que resultou no retraimento dos elementos que ocupavam aquela posição, deixando em consequência uma grande brecha. O tenente Pérsio, pessoalmente o conduziu a referida posição, sob bombardeio inimigo, cobrindo dessa forma o flanco exposto e tirando a possibilidade do inimigo de se infiltrar pela referida brecha.<sup>91</sup>

Um aspecto interessante sobre a sala é pensar como os oficiais e os soldados foram recebidos pela sociedade após a experiência da guerra. Por exemplo, o ex-combatente Pérsio recebeu reconhecimento tendo ocupado cargos de destaque no mundo civil, embora sua experiência de combate tenha sido sistematicamente desprezada pelo Exército. Por outro lado combatentes como Liberato José dos Santos (encontrando morto em 1975 num terreno baldio com o corpo em adiantado estado de decomposição)<sup>92</sup> ficaram a margem da sociedade, sem terem apoio do governo, jogados a própria sorte. Ou seja, num contexto mais amplo, com a dissolução da FEB, a maioria dos febianos<sup>93</sup> tiveram que lutar para terem seus direitos reconhecidos perante a sociedade. Oficiais de carreira, como os homenageados nessa sala, tinham condições bem melhores de lograrem sua reinserção social no após-guerra.

Nesse sentido, essa sala mostra-se essencial para a preservação da memória desses combatentes, além de proporcionar uma reflexão. Levando em conta, que os homenageados em questão foram combatentes que, se não ocupavam posições de destaque, conheciam pessoas influentes no Exército. A partir disso podemos refletir, sobre a organização desse espaço, quem

<sup>91</sup> RODRIGUES, Agostinho José. **O Paraná na FEB**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1953. Pp. 112.

<sup>92</sup> FERRAZ, F. C. A. **Os veteranos da FEB e a sociedade brasileira**. In: KRAAY, H. IZECKSOHN, V. & CASTRO, C. (orgs.) **Nova história militar brasileira**. FGV, 2004. Pp. 377.

<sup>93</sup> Assim chamados os integrantes da Força Expedicionária Brasileira.

organizou, qual era a mensagem que pretendiam enfatizar, considerando dois itens: à constituição de uma memória e a preservação de um passado.

Em relação, aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), considero pertinente para os estudantes do ensino fundamental, essa sala, pelo fato de repensarmos as seguintes questões: Os oficiais homenageados (Machado Lopes, Pécio Ferreira e Candido Flarys) servem para lembrar e glorificar a FEB, mascarando um passado de esquecimento com a maioria dos febianos? Elementos-chave de suas respectivas biografias estão bem explorados na exposição aqui presente? Ou caberia, com base numa outra abordagem museológica, destacar os aspectos das suas vidas que mais relação tem com o contexto histórico em que viveram?

Outra questão; qual o sentido de dedicar tanta atenção aos militares que ficaram no Depósito de pessoal, ou seja, não foram para a linha de combate? Podemos dizer que essas questões podem ser respondidas se pensarmos na memória enquanto uma possibilidade de reflexão sobre um passado através de sua representação no momento presente<sup>94</sup>, ou seja, pensarmos o que queremos preservar do passado. No caso, as injustiças, descasos com os combatentes por serem considerados atos vergonhosos devem ser esquecidos?

Tais questões o espaço dedicado a memória dos combatentes da FEB, não mostra nem suscita. Nesse caso, a distinção que ocorreu no tratamento dos militares, especificamente, os combatentes em hierarquia inferior, os praças, que não tiveram essa mesma atenção e assistência reservada aos oficiais dessa sala, está obscurecida. Sem falar nos civis que participaram da guerra, e como já dito anteriormente, ficaram jogados a própria sorte. A opção expositiva aqui assumida se torna ainda mais curiosa e intrigante se levaremos em conta que a LPE surgiu, justamente, para combater as injustiças e a indiferença para com o destino dos ex-combatentes no imediato pós-guerra. Seria de se esperar que tais aspectos fossem enfatizados nessa sala, ao invés de serem obscurecidos.

---

<sup>94</sup> Idem, Ibidem.

## Sala Tenente Max Wolf Filho

Daniel Dória<sup>95</sup>

A última seção do museu é destinada ao paranaense Max Wolf Filho, um dos grandes heróis da FEB e de quem o museu toma o nome. Nascido em 29 de julho de 1911 em Rio Negro, alistou-se voluntariamente e se notabilizou não só por mortes infligidas ao inimigo, mas também por suas missões de reconhecimento e de resgate, tanto de companheiros feridos quanto de corpos deixados na terra-de-ninguém. Graças a seus feitos foi condecorado várias vezes, tanto pelo exército brasileiro quanto norte-americano, sendo ainda promovido a tenente. Por exemplo, devido à sua atuação no combate de 12 de dezembro de 1944, fora agraciado com uma Citação de Combate por parte do General Mascarenhas de Moraes, que destaca seu “desassombro” ao tomar parte nas mais perigosas missões voluntariamente. Pode-se encontrar expostas no museu as 5 medalhas originais que lhe foram concedidas, sendo elas a *Cruz de Combate 1ª Classe*, *Medalha “Sangue do Brasil”*, *Medalha de Guerra*, *Medalha de Campanha* e uma *Bronze Star* do exército norte-americano, assim como os respectivos diplomas. Morreu em combate em 12 de abril de 1945, tornando-se definitivamente um herói mártir. Entretanto, as circunstâncias de sua morte, assim como o que se sucede a ela, ainda sustentam polêmicas.

Segundo as análises presentes no livro *Os Soldados Alemães de Vargas*, de Dennison de Oliveira, Max Wolf Filho, tendo contado com uma escolaridade mínima, trabalhou, primeiramente, junto a sua família em Rio Negro como auxiliar de torrefação do pai. Em seguida, após o fechamento do estabelecimento, como escriturário de uma empresa de navegação e eventualmente como estivador, até que se deslocou para Curitiba, onde se alistara no 15º Batalhão de Caçadores, sendo transferido no ano seguinte para o Rio de Janeiro, ingressando no 3º Regimento de Infantaria, abandonando posteriormente a carreira para junto a outros colegas se tornar instrutor e preparador dos efetivos, onde ascenderia ao posto de comandante de Carro de Assalto. Atuou, nesse interim, no combate e rechaço à Revolução

---

<sup>95</sup> Estudante do Curso de Graduação em História da UFPR (Diurno). E-mail: danieldoria89@gmail.com



Constitucionalista de 1932, à Intentona Comunista de 1935 e à Ação Integralista Brasileira, em 1938. Voluntariou-se assim que soube da abertura do processo de inscrição e foi oficialmente efetivado em fins 1943, após recorrer ao serviço médico de sua antiga corporação, a Polícia Militar, para remoção de uma hérnia que lhe impediria de passar nos exames médicos. Max Wolf Filho contava, então, 32 anos.

Max Wolf Filho, como nos mostra o livro de Dennison de Oliveira, se destacou durante sua atuação na Itália pelas suas missões extremamente arriscadas, chegando mesmo àquilo que alguns contemporâneos referem como sendo de caráter suicida. Entrou em combate primeiramente na noite do dia primeiro para o segundo de dezembro de 1944. Naquela data o 1º Batalhão do 11 RI havia debandado em massa, abandonando as posições em frente ao Monte Castelo. Max se destacou por comandar uma operação de remunciação, trazendo feridos no retorno. Ainda durante as tentativas de se tomar Monte Castelo, durante o ataque às localidades de Vale e Abetaia em 12 de dezembro de 1944, onde após já haver resgatado vários corpos e feridos, saiu durante a noite com mais dois padioleiros para tentar resgatar o corpo do Capitão comandante da 1ª Companhia do 11 RI, João Tarcísio Bueno. Não teve êxito, mas trouxe outros dois feridos encontrados no caminho. Outro episódio se deu ainda no dia 7 de março de 1945, durante o ataque a Castelnuovo, onde Max Wolf Filho se ofereceu, voluntariamente, junto a outros quatro auxiliares, para a arriscada tarefa de reparar as linhas telefônicas danificadas e resgatar feridos – uma tarefa perigosíssima, dado o risco de emboscadas.

Essa série de demonstrações de bravura rendeu-o uma aura de celebridade em meio às tropas. Em consequência, fora criado o Pelotão Especial, que na realidade não atendia à caracterização oficial de pelotão, tendo apenas 18 integrantes ao invés dos formalmente definidos, 41. De acordo com Oliveira, seria “na melhor das hipóteses (...) um pelotão incompleto, de dois grupos de combate ao invés de três”.<sup>96</sup> Esse pelotão, apelidado pelas tropas de “Pelotão SS”, em reconhecimento ao valor combativo das tropas alemãs, segundo o Coronel Adhemar Rivermar de Almeida, principal

---

<sup>96</sup> OLIVEIRA, Dennison de. **Os Soldados Alemães de Vargas**. Curitiba: Juruá, 2009. Pág. 84.

biógrafo de Max Wolf Filho, saiu para apenas uma única missão. Nela seu comandante fora atingido e morto após ter se dirigido sem qualquer proteção em um campo arado, sozinho – tendo dispersado seu pelotão para que se deslocassem pelas laterais –, em direção a uma casa onde se encontrava um grupo de combatentes alemães, sendo atingido a cinquenta metros aproximadamente da mesma. A morte do comandante – e não só isso, do herói ali presente – desencadeou uma reação desesperada focalizada numa operação desorganizada de se tentar resgatar o corpo de Max Wolf Filho. A operação não logrou êxito, sofrendo uma baixa fatal e três feridos a mais, tendo de deixar o corpo do herói Max Wolf Filho para trás. A operação se encontra narrada através do relato do Gal. Ítalo Conti, num banner da sala. Pode-se questionar esse documento na medida em que afirma que “a missão fora cumprida”, mas sem menção ao destino dos dois corpos abandonados e dos três feridos durante a tentativa de resgate. Como observa Oliveira, aquele que nunca deixara ninguém do seu grupo para trás fora abandonado na terra-de-ninguém.

Como observa Rubens de Lamarca Manna, o sentimento de grupo que existe dentro da unidade durante a guerra é algo muito forte, algo que substitui as relações familiares durante o cotidiano do combate<sup>97</sup>. As consequências psicológicas da morte do herói Max Wolf Filho e da impotência vivenciada pelo seu Pelotão Especial por não conseguir resgata-lo podem ser notadas, por exemplo, dois dias após o episódio, após a tomada da elevação 759, nas imediações de Montese, em 14 de abril de 1945, pelo Pelotão Especial. Nessa circunstância não foram feitos prisioneiros alemães.

Outra grande polêmica que cerca a história de Max Wolf Filho é a que se refere ao destino de seu corpo. Percebe-se na documentação exposta uma grande confusão de informações. O Ministério da Guerra, no documento datado de 23 de maio de 1945, confirma o desaparecimento de Max Wolf Filho, mas afirma que “nada tem que prove estar morto”. No Boletim Especial, publicado em 2 de dezembro de 1946, encontramos uma homenagem aos mortos na guerra. Dentre eles está Max Wolf Filho, que, de acordo com o boletim, está sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia. Entretanto, no

---

<sup>97</sup> MANNA, Rubens de Lacerda. **Alguns Aspectos da Psiquiatria Militar**. Curitiba: Tipografia João Haupf & Cia. Ltda., 1950.

último documento exposto, datado de 3 de janeiro de 1946, de autoria do Cel. José Carlos de Senna Vasconcellos, encontramos a confirmação da morte e do desaparecimento de Max Wolf Filho à Oscar Amaral – autor de outros dois documentos expostos – além da suposição de que seu corpo tenha sido sepultado pelos alemães na Itália. Baseado nessas contradições resta a dúvida quanto ao real destino do corpo.

O exame da biografia de Max Wolf Filho é do maior interesse para estudantes de Educação Básica e também superior, pelas questões que levanta, todas diretamente relacionadas às disciplinas de História, Antropologia, Geografia, etc. Qual a relação dele com a comunidade dos indivíduos de origem germânica? De que forma ele se relacionava com a carreira, muito desprestigiada, de sargento do exército? De que forma transcorreu a transformação da sua pessoa em Herói? Que interesses teriam motivado o surgimento de diferentes versões para sua vida familiar, bem com para o destino dado ao seu corpo? Qual a relação dos praças com o sistema de promoções que os permitiria alçarem a condição de oficiais do exército? Para finalizar uma observação sobre o acervo exposto. Na sala existe um estandarte do 1º. RI, unidade com a qual Max Wolf Filho nada teve a ver. Provavelmente está ali por razões decorativas.

### **Representações da Morte no Museu do Expedicionário**

Adriane Piovezan<sup>98</sup>

Desde sua inauguração em 1980 o Museu do Expedicionário contou com espaços dedicados à memória dos mortos caídos na Itália, tanto dentro quanto fora do prédio da Casa do Expedicionário.

Na praça em frente ao Museu, denominada Praça do Expedicionário, encontra-se em seu centro uma lápide em granito negro com o nome dos vinte e oito paranaenses mortos em combate durante a Segunda Guerra Mundial. Na lápide está a inscrição “Veteranos paranaenses mortos em combate na Itália”. Este espaço se apresenta como um memorial de guerra e como tal procura enfatizar a relação da comunidade local com o evento.

---

<sup>98</sup> Doutoranda em História UFPR, Linha de Pesquisa Cultura e Poder. E-mail: drika@matrix.com.br

O local sempre foi destinado às homenagens aos mortos da FEB, desde o início do Museu e até hoje ainda é palco dos mesmos rituais. Em frente da lápide é depositada uma coroa de flores como forma de homenagem aos combatentes, além disso, em outros tempos nos eventos ali realizados seus nomes eram lidos durante as cerimônias.

Esta rememoração dos mortos da FEB já foi mais enfatizada do ponto de vista museológico. Na origem existia no segundo pavimento a sala “D”. Este espaço consistia em um corredor que liga as duas alas superiores do museu, hoje reservado a atividades burocráticas. Este local era chamado “espaço da lembrança” ou “espaço do sofrimento”, uma vez que a temática da sala se referia à questão da morte na guerra.

O espaço continha alguns painéis fotográficos em que ações do tipo como o transporte de feridos, sepultamento dos mortos e o próprio Cemitério Militar Brasileiro em Pistóia tinham enorme destaque no conjunto. Abaixo desta sequência fotográfica alguns objetos eram expostos. Entre eles, estilhaços, o gorro e o coturno de um soldado metralhado. Tais itens lembravam a violência e o sofrimento pelo que passaram muitos soldados brasileiros durante o conflito.

A morte também era objeto de destaque neste espaço, com a presença de padiolas e do saco mortuário, destinado a acolher e transportar até a sepultura o cadáver do soldado caído. A iluminação baixa da sala estava perfeitamente adequada a todo o aspecto temático da mesma, possuindo ainda em uma das paredes um pequeno trecho do poema de Cecília Meireles “Cemitério Militar Brasileiro de Pistóia”<sup>99</sup>. Enfim, para o visitante do museu a sala era um importante espaço de lembrança de um aspecto da guerra que jamais pode ser negligenciado, a morte. Finalmente, um painel estatístico exibia a contribuição de cada município do Paraná em baixa na FEB, além de dados sociológicos sobre os convocados para a guerra no Paraná. Tal espaço foi eliminado no final dos anos 90, acompanhando uma tendência mundial do final do século XX e início do XXI de interdição da morte, do sofrimento<sup>100</sup>.

---

<sup>99</sup> MEIRELES, C. Cemitério Militar Brasileiro em Pistóia, In: **Poemas Italianos**. São Paulo: Instituto Ítalo-brasileiro, 1968. p. 78-81.

<sup>100</sup> WINTER, Jay. **Sites of Memory, Sites of Mourning: The Great War in European Cultural History**. Cambridge University Press, 1995.

As representações da morte em memoriais de guerra a partir deste período tendem a abrandar este aspecto dos conflitos. Geralmente os termos usados referem-se aos soldados que “tombaram” e não “morreram”<sup>101</sup>, aos homens que “se sacrificaram” e não “mataram” outros homens. Também o vocabulário empregado nestes locais expositivos prefere expressões como o de “vidas dadas” e não “tiradas” pelo dever com a Pátria. A simbologia que predomina é a do dever e do sacrifício para com o coletivo, enquanto que questões individuais são ignoradas<sup>102</sup>.

Mesmo antes de se constituir em espaço de museu, a Legião Paranaense do Expedicionário sempre se preocupou em lembrar os mortos em combate. Já em 1947 a LPE mandava rezer missas, muito concorridas, em memória do sargento Max Wolf Filho. Alguns documentos mostram que no ano de 1952 foi realizada pela instituição uma campanha que visava arrecadar dez centavos de contribuição por indivíduo no Estado para que fosse possível a compra de flores para as lápides do Cemitério Militar Brasileiro de Pistóia no dia 02 de novembro daquele ano. Desta forma, a rememoração dos caídos na Itália durante a guerra sempre esteve presente nas ações da Legião e no Museu do Expedicionário em Curitiba.

Outro elemento que exemplifica esta preocupação com os mortos da FEB é a compra e manutenção de um mausoléu pela Legião Paranaense do Expedicionário no Cemitério Municipal Água Verde em Curitiba. Construído em 1963 o Mausoléu contava com 27 sepultamentos até o ano de 1977. A construção deste mausoléu parece ter eliminado um problema sério verificado nos primeiros anos da existência da Legião Paranaense do Expedicionário. Em seu livro *Verdades e Vergonhas da FEB*, Leonécio Soares<sup>103</sup> descreve em tom indignado que duzentos ex-combatentes teriam sido enterrados como indigentes em Curitiba poucos anos após o retorno da Itália. Embora o autor possa ter exagerado no número exato de veteranos que tiveram este fim, o fato é que em muitos documentos encontrados nos arquivos da Legião Paranaense

---

<sup>101</sup> HOWARTH, G. & LEAMAN, O. **Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer**. Lisboa: Quimera Editores, 2001.

<sup>102</sup> FERRAZ, F. & PIOVEZAN, A. **Imagens da Morte nos Documentários Brasileiros Sobre a Segunda Guerra Mundial**. In: OLIVEIRA, Dennison de (org.) **História e Audiovisual no Brasil do Século XXI**. Curitiba, Juruá, 2011.

<sup>103</sup> SOARES, L. **Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira**. Curitiba: Editora do autor, p.339, 1985.

do Expedicionário demonstram que a instituição procurava providenciar o velório, com flores, féretro, além de transporte, para os ex-combatentes que não tinham condições de arcar com tais despesas.

Tais elementos enfatizam as atitudes diante da morte por parte dos brasileiros que combateram durante a Segunda Guerra Mundial e como a lembrança dos mortos permite enfatizar a ligação entre o evento e a comunidade local pelo viés da humanização dos envolvidos.

## A Cobra está fumando... e cantando

Ana Paula Peters<sup>104</sup>

“Saúdo os valorosos soldados da FEB, que regressam vitoriosos e que no campo de batalha souberam lutar galhardamente pelo Brasil, escrevendo com heroísmo mais um capítulo de nossa história” (Getúlio Vargas, Presidente da República)<sup>105</sup>

Nunca gostei muito de falar sobre guerra... mas não posso me eximir deste fato, guerras e batalhas já aconteceram e continuam a acontecer, em pequenos ou grandes espaços, nas mais diferentes épocas e até mesmo dentro de uma família... Também porque “embora a guerra seja vista como ato de barbárie e selvageria ela é um evento onde a cultura se manifesta, ou seja, ela não é apenas a continuidade da política por meio das armas, mas uma área de atrito entre dois grupos, com valores e crenças próprias, mas muitas vezes com elementos comuns compartilhados, que se chocam.”<sup>106</sup>

E sobre este momento, a Segunda Guerra Mundial, através da nossa música popular, acabei percebendo que vários aspectos da vida de cada indivíduo que vai para a guerra estão envolvidos. Medo, saudades, raiva, alegria e música! Assim, nossa aproximação com estes soldados e a

<sup>104</sup> Mestre em Sociologia pela UFPR (2005), Professora de Música na Escola de Musica e Belas Artes, Curitiba. E-mail: anapaula.peters@gmail.com

<sup>105</sup> <http://www.cfh.ufsc.br/feb/document.htm>

<sup>106</sup> MERON, Luciano Bastos. **Memórias do front: relatos de guerra de veteranos da FEB.** Dissertação do Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Salvador. 2009

experiência da guerra neste último confronto mundial será analisada a partir das músicas que compunham e cantavam entre tiros, lama, gelo, penhascos, vales, fadiga, salvamentos e mortes.

É importante lembrar que a experiência militar é única para a maioria das pessoas e que o exército cria laços de sociabilidade próprios entre elas. Além de que os militares estão inseridos na sociedade e no tempo em que viviam, como podemos perceber nas letras de algumas músicas que eram cantadas na época desta guerra:

Meu Regimento Sampaio,  
Nós conquistamos para você mais uma glória  
Ficará na história do nosso querido Brasil<sup>107</sup>

Músicas compostas pelos combatentes da FEB, como a que acabamos de apresentar, ou por compositores que assistiam a guerra de longe, aqui no Brasil, como Haroldo Lobo, O Rei do Carnaval, que durante quase três décadas, foi campeão de sucessos carnavalescos, apresentavam e cantavam suas interpretações sobre a guerra:

Que passo é esse, Adolfo,  
Que dói a sola do pé.  
É o passo do gato, não é?  
É o passo do rato, não é?  
É o passo do ganso,  
Qué, qué, qué

Esse passo muita gente já dançou,  
Mas a dança não pegou,  
Ô Adolfo, a cigana te enganou,  
Sai pra outra que a turma não gostou<sup>108</sup>

Haroldo, além de marchinhas de carnaval, também escreveu canções de meio de ano e para festas juninas. Aqui é bom comentar que sambas de meio de ano eram compostos fora da época de Carnaval, também conhecidos como samba-canção. Estes possuíam um andamento um pouco mais lento,

<sup>107</sup> *Meu Regimento Sampaio*, de autoria desconhecida, hino cantado pelos soldados no acampamento deste regimento. [http://www.anvfeb.com.br/musicas\\_da\\_feb.htm](http://www.anvfeb.com.br/musicas_da_feb.htm)

<sup>108</sup> *Que passo é esse, Adolfo?* marchinha de Carnaval de 1943, ridicularizando a marcha dos soldados de Hitler, composta por Haroldo Lobo e Roberto Roberti. [http://www.anvfeb.com.br/musicas\\_da\\_feb.htm](http://www.anvfeb.com.br/musicas_da_feb.htm)

descrevendo cenas de amor, solidão e dor de cotovelo, ou seja, um desencantamento com o mundo e com as pessoas, associando o samba a gêneros que circulavam no Brasil neste período, como a balada norte-americana e o bolero cubano. Com o surgimento da Bossa Nova, este gênero perde espaço, mas não desaparece, recriando-se no que atualmente chamamos de música brega.